

Ano XII

Nº 73

SOMNIUM

Publicação Oficial do
Clube de Leitores
de Ficção Científica



Notícias, Artigos e Internet

Mais: ficções de Martha Argel e Simone Sauressig

Índice

Editorial

Viva o novo editor!

0 3

O que rola pelo Fandom

FC em Notícias

por Adriana Simon

0 4

Artigo

O divórcio da Realidade

por Lucio Manfredi

0 9

Paradoxos temporais na ficção científica

por Eduardo Francisco Torres Ferreira

1 3

Ficção

Aparências enganam

por Martha Argel

2 0

00 (zero-zero)

por Simone Sauressig

2 1

Listserver

Aulas de FC

compilado por Cesar Silva

2 6

Ilustrações

Edgar Franco

Mauricio Tavares

Mario Mastrotti

Mario Labate

Edmilson Correa

Juno Legramante

Eduardo Canha

capas

0 2

0 3

0 8

1 9

2 0

2 5



SOMNIUM

número 73
agosto de 1999

Editoriais:

Social e Notícias

Adriana Simon

<asimon@uol.com.br>

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro

<glodir@unisys.com.br>

Artigos e Contos

Marcello Simão Branco

<msbranco@uol.com.br>

Geral

Cesar R. T. Silva.

<cerito@mandic.com.br>

Produção Gráfica e

Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Cesar Silva

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1998/99 está composta pelos sócios Humberto Fimiani (Presidente), Marcello Simão Branco (Secretário Executivo) e Cesar R. T. Silva (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção

Científica: Caixa Postal 2105

São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

<http://members.tripod.com/~CLFC>

e-mail clfc@uol.com.br

Estou muito satisfeito por cumprir a promessa que nós, editores do *Somnium*, fizemos ao assumir esta missão há dois anos atrás. Foram oito edições incluindo esta, a primeira delas lançada em dezembro de 1997, e ao logo de todo esse tempo conseguimos manter o nosso fanzine vivo e com a periodicidade estável, recuperando totalmente a confiança dos leitores.

Hoje o *Somnium* é, de fato, um veículo a serviço do CLFC, tanto que, através desse trabalho, também reconquistamos a credibilidade dos sócios no próprio Clube, que recuperou seu caixa, tem apresentado cada vez mais atividades e está pronto para, a partir do próximo ano, retomar vigorosamente sua tradição de uma entidade ativa.

Toda a equipe editorial está de parabéns por seu empenho, muitas vezes até em prejuízo próprio, no esforço de realizar cada uma das edições.

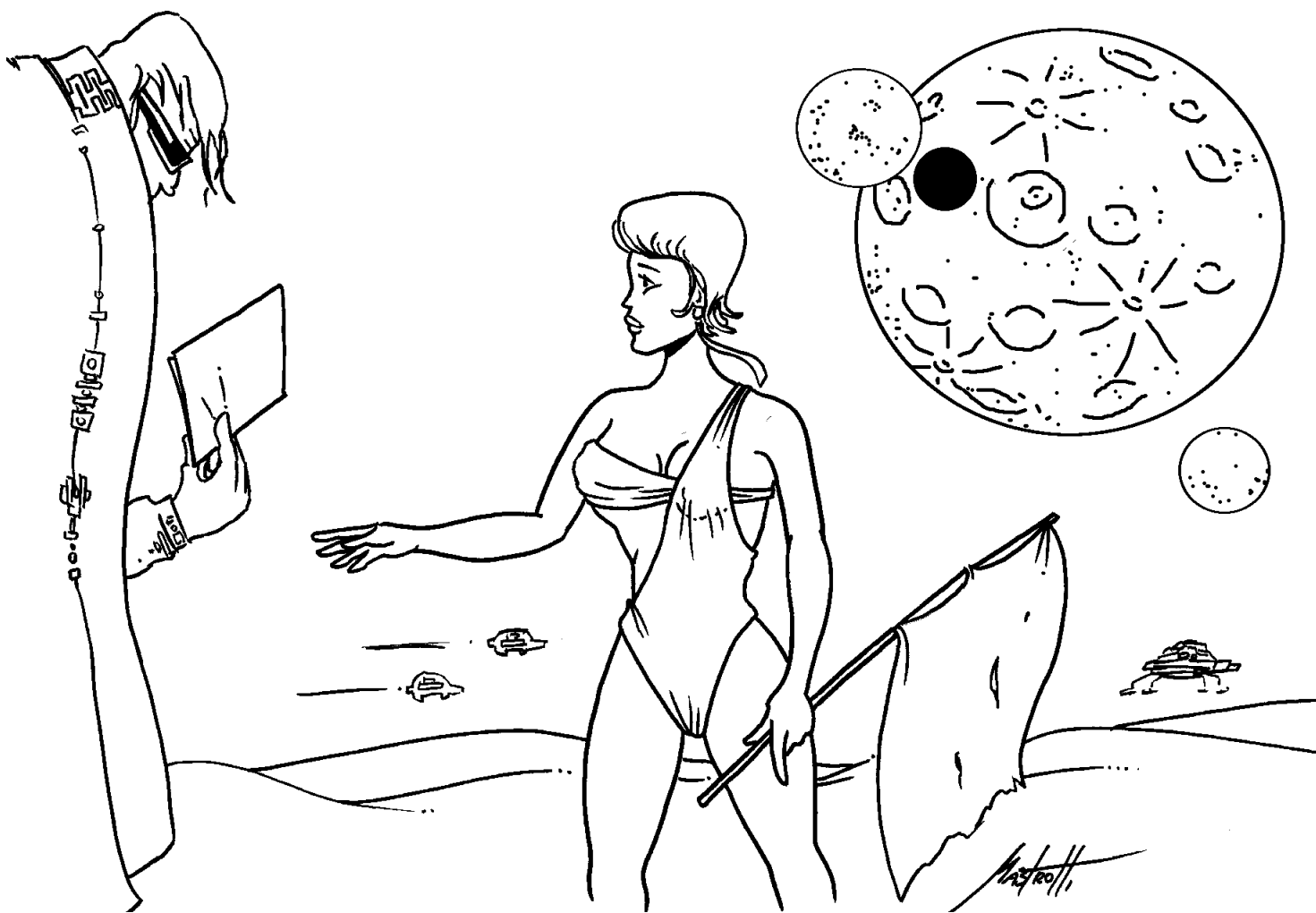
Este clima de fim de festa - e que festa! - justifica-se porque esta é a última edição que estamos fazendo a frente da editoria do zine, que a partir da próxima estará ao cargo do nosso conhecido sócio Alfredo Kepler, que aceitou a missão com absoluta confiança. Ele está disposto e cheio de idéias.

Mas não estaremos distantes. Além do trabalho individual de cada um no fandom e no Clube, estamos nos dispondo todos a continuar colaborando com o *Somnium*, para que não se interrompa esse diálogo que o Clube vem mantendo com todos os sócios.

O processo sucessório da diretoria do Clube para o biênio 2000/2001 já está em curso, com a abertura de inscrições de chapas. Contudo, não sendo a editoria do *Somnium* um cargo eletivo, a chegada do novo editor pode ser comemorada desde já.

Seja bem vindo, Kepler. Tenha um bom trabalho!

Os Editores



Livros Lançamentos

A ÂNCORA DOS ARGONAUTAS (Coleção Fantástica, R\$ 4,00)

Já está à venda "A Âncora dos Argonautas", de Miguel Carqueija, o número dois da *Coleção Fantástica*. A história conta a aventura que duas juvenzinhas superdotadas têm ao enfrentar o perigo de uma âncora milenar a serviço das forças malignas do temível Cthulhu. Uma obra movimentada, com personagens femininas fortes e narrativa veloz. O trabalho foi terceiro colocado na categoria Noveleta do Concurso Nautilus, realizado pelo fanzine *Intrepid* em 1999. Miguel Carqueija é carioca, colaborador assíduo de todos os fanzines e revistas de gênero no Brasil e um dos escritores mais ativos do fandom. Teve trabalhos publicados nas revistas *Dragão Brasil* e *Horror-Show*, e no livro *Dinossauria Tropicália* (GRD, 1993). Publicou individualmente dois pequenos livros, *A Volta dos Dinossauros* (1992) e *A Caixa Lunar* (1993), e participou da antologia *Verde... Verde* (1989), cooperada entre diversos autores. Foi convidado de honra da II Convenção Multimídia de Horror - HorrorCon, em 1995, realizada em São Paulo. Para comprar "A Âncora dos Argonautas", o preço é R\$ 4,00. Para assinar a coleção de seis números, o preço é R\$ 20,00. No número um foi lançada a novela "Quando os Humanos Foram Embora", de Gerson Lodi-Ribeiro. Para o número três teremos uma novela de Carlos Orsi Martinho e para o número quatro, uma aventura hard-sf de Jorge Luiz Calife. Pedidos: A/C Marcello Simão Branco, Av. Clara Mantelli, 110, CEP 04771-180, São Paulo, SP [msbranco@uol.com.br].

DECLARE

Tim Powers estará lançando no final deste ano ou no início do próximo ano seu mais novo livro, provisoriamente

chamado de *Declare*. Quem quiser um "gostinho" do livro, deste grande, grande autor, basta visitar o site [http://easyweb.easynet.co.uk/~jberlyne/powers/decexcerpt.htm]. O John Berlyne (mantenedor do site) é um estudioso dos livros do T. Powers. Quem quiser pode ver o restante do trabalho dele. [http://easyweb.easynet.co.uk/~jberlyne/powers/works.htm] (por Leonardo)

BELAS MALDIÇÕES - AS BELAS E PRECISAS PROFE- CIAS DE AGNUS NUTTER, BRUXA (Bertrand Brasil)

Da autoria de Neil Gaiman e Terru Pratchett. Para quem já ouviu falar ou lê quadrinhos para adultos, é o mesmo Neil Gaiman autor das revistas do Sandman. Endereço da editora: Av. Rio Branco, 99 - 20º andar - Centro Rio de Janeiro - RJ, Tel. (021)263-2082, Fax (021)263-6112. (por Carlos Vinicius Marins)

A HISTÓRIA COMO FICÇÃO [HD Livros (041)262-7355 - (082)323-2024; 120 pgs., R\$10,00]

O alagoano José Ronaldo Carlos de Almeida Mendonça ou, como prefere, Ronaldo Carlos, está lançando o livro de contos *A História como Ficção*. Carlos começou por recontar a história de Abraão e Sara perguntando-se o que teria acontecido se o patriarca sacrificasse o filho Isaque? Na seqüência, adotou o se como premissa e foi indagando: e se nem todas as espécies sobrevivessem na arca de Noé, e se fosse Dalila quem tivesse a força, e se Galileu insistisse na teoria de que a Terra se movia, e se César matasse o imperador Bruto, e se os senhores do Brasil escravocrata fossem negros... (por Ataíde Tartari)

LIVROS DE B5 EMPORUGUÊS SÃO CANCELADOS

A Editora 67, da revista *Sci-Fi News*,

que estava tentando comprar os direitos dos livros de *Babylon 5*, desistiu do projeto. Conforme Paulo Maffia, o editor-chefe da revista, a desistência ocorreu devido ao valor exagerado pedido pelos proprietários dos direitos autorais nos USA. Já que não foi possível editar os livros de *B5*, a Editora 67 decidiu comprar os direitos do livro *Star Wars Episode I*, que deve estar disponível em breve. (por Marcello Simão Branco)

CONTOS IMPROVÁVEIS (Virtual Book Store)

O livro *Contos Improváveis* de Marta Argel, está em [www.virtualbookstore.com.br], é só entrar no site e clicar em cima da capa do livro. Para abrir o arquivo é necessário o programa Adobe Acrobat, que pode ser baixado no próprio site. "Se você quiser ver uma fotinho minha, procure no menu do lado direito Livraria, e depois, do lado esquerdo 'Por autor'. Eu e o mar patagônico vamos estar por ali, mas o pingüim que estava do meu lado caiu fora" (por Marta Argel)

SACO DE OSSOS (Editora Objetiva, 756 pgs. R\$ 44,00)

Acaba de ser lançado o penúltimo romance de Stephen King, *Saco de Ossos* (*Bag of Bones*), com tradução de Myriam Campello. O último romance do autor se chama *The Girl Who Loved Tom Gordon*, ainda sem tradução. Como orelhas e contracapas de livros não são lá tão confiáveis, não vá acreditar que *Saco de ossos* é a obra-prima de Stephen King. É um bom livro de suspense, mas não é melhor do que *O iluminado*, por exemplo. O escritor, que se recupera de um atropelamento, sofre do mesmo mal de muitos outros autores americanos de bestsellers: o exagero. Seu *Saco de ossos* ficaria muito melhor se esvaziado de boa parte das 756 páginas. A paciência e o bolso dos leitores agradeceriam mui-

to a economia de celulose. Os sonhos do personagem Mike Noonan, um escritor de sucesso que fica com bloqueio criativo após a morte da esposa, só assustam mesmo lá pela página 300, assim como as misteriosas mensagens feitas com ímãs de geladeira. Os sonhos são estranhamente detalhados, mas a história é bem montada, os personagens com funções bem definidas e o argumento, apesar dos indefectíveis barulhinhos e vozes na velha casa de campo, bastante convincente.

A trama ganha consistência à medida em que Stephen King inclui casos ocorridos no estado de Maine, onde ele mora, na costa leste americana. Em Sara Laughs, a casa de veraneio onde Mike Noonan volta para tentar superar o bloqueio de escritor, ele conhece histórias como a do garoto que foi afogado pelo próprio pai ou a de outro que também morreu de forma trágica, preso numa armadilha de caça.

Choros baixinhos durante a noite, visões misteriosas no lago e uma sensação de sufoco começam a incomodar o escritor e, por que não dizer, o leitor. Os sustos aumentam quando associados à figura de um bilionário de expressão cadavérica, que tudo faz para conseguir a custódia da neta. Neste aspecto, Stephen King merece um crédito. Assustar alguém tendo como concorrência a realidade, que tanto pode se refletir em novos ministérios como nas paradas em sinais de trânsito, é tarefa das mais difíceis, mesmo para um especialista no gênero. A esposa morta de Mike também tenta se comunicar logo no início do livro e, quando parece impossível que tantos fatos distantes tenham uma relação, a trama vai se delineando, embora com exagerada centralização no protagonista e excessos descritivos, capazes de ocupar várias páginas para falar de um singelo aposento da casa de campo.

No livro, entre piadas dignas de Billy Crystal em noite de Oscar (“O simpático em viajar de avião na frente é que, se ele desabar, você é o primeiro a chegar ao lugar do acidente”), há interessantes observações sobre a lealdade dos leitores, “sem paralelo em

qualquer outra arte criativa”, que permite a um autor ermitão como J.D. Salinger permanecer em evidência, mesmo recluso há mais de 40 anos. Como sobra espaço no calhamaço, o leitor se habitua ao obeso e impessoal cotidiano americano, exemplificado na menina de colo que se empanturra de hambúrguer e fritas ou no constrangimento que causa um abraço puritano.

É curioso observar também como nestes livros, assim como nos filmes hollywoodianos com “ação do início ao fim”, o palavrão é o fio condutor das narrativas. Mas isto o autor deixou claro numa entrevista ao *GLOBO* no ano passado, quando disse que exporta pequenos pedaços da América: “Nunca tentei atrair uma platéia internacional mas, bom, talvez eu seja a versão literária do McDonald’s da Coca-cola, batata frita e Big Mac”.

Como Mike Noonan cita outros escritores, chega uma hora em que surge uma inevitável reflexão. É quando perguntam a ele a respeito de toda a confusão que o envolve desde que a esposa morreu e ele se meteu com o caso de custódia, defendendo a menininha e sua mãe das garras do bilionário: “É como um romance de John Grisham, não é?” Não só como Grisham, mas também como Tom Clancy, John LeCarré, Nelson DeMille e outros milionários que escrevem cada vez mais igual. Em todos, a figura do advogado cínico e cheio de geniais estratégias figura como o herói romântico da literatura americana, presença certa de nove em cada dez romances (o décimo é reservado aos serial-killers).

São histórias que prendem a atenção? Sem dúvida. São escritas de forma objetiva? Sem dúvida. Mas principalmente: são histórias que já vêm prontas para virarem roteiro, mostrando como a indústria cultural por lá funciona de forma integrada. Requentes literários, que poderiam prejudicar uma adaptação para a tela grande, não são o forte desta turma. Mas para os padrões de cultura americanos, cujos mandamentos sagrados são o consumo e o entretenimento, isto não importa muito. (por *Marcello Simão Branco*)

Revistas *MOVIESTAR*

“Já está chegando às bancas a primeira edição de *MovieStar*, uma revista para quem curte cinema, numa edição de 60 páginas em cores inteiramente dedicada ao novo e tão aguardado Primeiro Episódio da série *Guerra nas Estrelas*, de George Lucas. A cada número nós iremos dar informações completas sobre tudo o que você gostaria de saber de seus astros e estrelas favoritos e as grandes produções que estão chegando nos EUA e no Brasil. Sempre repleto de muitas (e grandes) fotos, veja quem está filmando com quem, as biografias, filmografias e entrevistas com as mais quentes personalidades do mundo do cinema. Chegue mais perto de Hollywood com *MovieStar*.”

Este é o texto de apresentação da nova revista *MovieStar*. O público-alvo não são os críticos de cinema, os entendidos no assunto, os puristas. Quero falar com pessoas normais que gostam de ir ao cinema para se divertir, para quem gosta de saber das novidades, dos filmes que estão sendo produzidos e quero, muito, que o leitor participe! Francisco Ucha <ucha@uol.com.br>. O Editor. (por *Cesar Silva*)

HQ EXPRESS

Com notícias quentes do mundo dos quadrinhos, artigos sobre tudo que está ou vai estar nas bancas e seções que vão fundo no assunto, a *HQ Express* leva você aos bastidores da arte sequencial. Por isso, parabéns, leitor! Você achou a revista que estava procurando.

Jotapê Martins, Editora Via Lettera, Rua Iperoig, 337 - São Paulo - SP - CEP: 05016-000 - Tel.: (011) 3862-0760 e-mail: jotape@telnet.com.br (por *Ataide Tartari*)

INTERZONE

A edição de maio da revista inglesa de FC&F *Interzone* é o número 143. Lá está na página quatro, um texto do editor David Pringle falando sobre o Nobel de Saramago e sua vertente fantástica, a partir da análise do livro *Ensaio Sobre a Cegueira (Blind-*

ness). A seguir vem o artigo de Antônio de Macedo, falando de Saramago e da FC portuguesa em geral. Na seção de livros recebidos a antologia *Fronteiras* é resenhada com reprodução da capa e tudo. Na mesma edição, um artigo maior fala da FC na Grécia. (por *Marcello Simão Branco*)

Cursos **Universidade de FC**

A primeira classe do mundo em Ciência e Ficção Científica será formada na Universidade de Glamorgan em setembro. O curso adotará meios revolucionários para explorar a relação entre os fascinantes assuntos da ciência, ficção científica e a mídia. Construído a partir do bem sucedido curso “Life in the Universe” que explora a possibilidade de vida extraterrestre, o BSc em Ciência e Ficção Científica foi projetado especialmente para alcançar um equilíbrio entre o estudo de ciência, mídia e o fenômeno da ficção científica.

O curso está aberto a todos e se concentra na evolução da ciência como parte integrante de nossa cultura e sociedade, usando a ficção científica como veículo para nossa exploração. Nós examinamos o gênero olhando para a Ficção Científica em todas as suas várias formas incluindo texto, cinema, televisão e jogos.

O equilíbrio do curso é alcançado exclusivamente por módulos de 3 áreas complementares: ciência, ficção científica e estudos de mídia. Os módulos caracterizados a cada nível incluirão:

Nível 1: O que é ficção científica?; A Evolução de ficção científica; Evolução do sistema solar; Mídia e Poder.
Nível 2: Utopias & Distopias; Explorando espaço e Tempo; Cosmologia.
Nível 3: Vida no Universo; Cyberciência; Mundos quânticos em Sci-Fi.
O objetivo do curso é produzir diplomados que possam, de forma imaginativa, gerar idéias em ciência, ficção científica e na mídia. Futuras direções para os diplomados poderão incluir publicação, educação, pesquisa e jornalismo. Todas as consultas são bem-vindas. Contato: Mark Brake Escola de Ciências Aplicadas,

Universidade de Glamorgan, CF37 1DL Tel: 01443 480480; e-mail: mbrake@glam.ac.uk. (por *Blekbird*)

Oficina de Ficção Científica

André Carneiro, o autor mais prestigiado da FC brasileira, está terminando sua oficina “O Escritor e Outras Linguagens” na Casa Mário de Andrade, com inscrições esgotadas desde o início. Porém, desta vez, convidado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura, vai iniciar em agosto uma Oficina de Ficção Científica, que tratará deste gênero em várias artes, com predominância sobre a literatura. O Oficina terá início no dia 4 de Agosto, na Biblioteca Circulante à rua da Consolação 1024, das 18:30 às 21:30 todas as quartas-feiras. Informações pelo telefone 253-2331, ramal 362 e 365.

Gente

(por *Marcello Simão Branco*)

ANDRÉ CARNEIRO foi distinguido com o “Laurel Solidário Casa do Escritor”, de São Roque (interior de SP), pelo seu Jubileu de Ouro Literário. Seu primeiro livro, *Ângulo e Face* foi publicado em 1949. A homenagem foi coordenada pela escritora Maria José Giglio. [Jornal *Linguagem Viva*, maio 1999];

JOSÉ J. VEIGA foi entrevistado na edição de 17 de junho da *Folha de S. Paulo*. Em “José J. Veiga diz que não é criação de Kafka”, ele fala das razões porque escreve e burila tanto o texto, retrabalhando-o à exaustão. E revela de onde vem o J. de seu nome. O gancho da reportagem é a palestra que proferiria no mesmo dia no Instituto Moreira Salles (Rua Piauí, 844, Higienópolis).

A propósito, José J. Veiga concede entrevista EXCLUSIVA ao *Megalon* na edição de agosto, em trabalho de FÁBIO FERNANDES e OCTÁVIO ARAGÃO, a partir de debate sobre o autor aqui na Lista no fim do ano passado.

FÃS de *Star Wars* foram entrevistados por FÁBIO BARRETO. Entre eles, CESAR SILVA, MARCELLO SIMÃO BRANCO e OSVALDO LOPES JR.

“Essa ‘junta’ de jedis brasileiros comentou *A Ameaça Fantasma* no *Jornal da Tarde* de 17 de junho - incluindo foto, com fãs duelando com a espada jedi.

Obituário

DeForest Kelley, o Dr. McCoy da série *Star Trek*, morreu no dia 11 de junho, aos 79 anos. Detalhes na www.Locusmag.co. (por *Roberto Causo*)

Autores de FC

Saiba um Pouco Mais...

LINDA NAGATA

O livro *Vast*, de Linda Nagata, consta na lista de uma certa editora americana, como o mais espetacular livro de ‘hard’ FC dos últimos anos. *Vast* é a continuação de um outro livro dela, que convêm ler primeiro: *Deception Well*. Ambos são daqueles space opera épicos, pós modernista, onde as civilizações humanas e alienígenas são já tão estranhas quanto incompreensíveis. Em *Deception Well* existe uma cidade decadente colada à extremidade de um elevador orbital de mais de 200 milhas sobre uma floresta agressiva, quase-gnóstica, que a contaminação de nanotechs exóticos alterou quase por completo. Quem lá descer, se não morrer nos primeiros cinco minutos, será irremediavelmente seduzido pela mente vespeiro que tudo controla há milhares de anos. Existe também um culto religioso que se propaga através de um nano vírus que nos dá o êxtase de uma total conversão religiosa e que se transmite com um simples aperto de mão. Existe uma raça alienígena que massacra toda a vida na galáxia servindo-se de astronaves gigantes e autônomas. Em todos os livros existe um toque de sutil estranheza, vastidão incomensurável e milhares de BIG DUMB OBJECTS abandonados mas não quiescentes. Os livros não são fáceis de ler, a escrita é complexa, mais introspectiva do que virada para a ação. Mas têm as suas compensações. Linda Nagata está quase ao nível de Gregory Benford e Greg Bear. É uma autora a acompanhar. Outros romances da Linda: *The Bohr Maker* e *Tech Heaven* (por *João Barreiros*)

Publicações recebidas

QUARK

Está sendo criada uma nova alternativa para gêneros tão desprezados de nossa literatura: ficção científica e terror. Envie seus trabalhos e faça seus pedidos para: [r_quark@hotmail.com] ou para Marcelo Baldini: R. Bela Vista, 180, ap. 91, Centro, São Bernardo do Campo, SP, CEP 09715-030. Visite também a Home Page [http://www.geocities.com/SoHo/Exhibit/2926/index.html].

HIPERESPAÇO

O nº 43 traz o conto vencedor do Concurso Nautilus "Encanamentos Flexíveis" de Miguel Carqueija, a coluna "Notícias e Opinião", HQ e resenha de César Silva sobre o livro *Erotosofia* de Antônio Macedo. Pedidos para: Cx. Postal: 375, Santo André, SP, CEP 09001-970, e-mail cerito@mandic.com.br.

QI - Informativo de Quadrinhos Independentes

O nº 38 de maio/junho de 1999 e o nº 39 de julho/agosto de 1999 divulgam várias publicações independentes, trazem notícias diversas e HQs. Publicação bimestral e sem fins lucrativos, pode ser solicitada para Edgard Guimarães através do envio de 2 selos de 1º porte: R. Capitão Gomes, 168, Brasópolis, MG, CEP 37530-000. Tel. (035)641-1372 (sábado e domingo).

Cinema Blast from the Past

Pensando que o mundo ia acabar em uma explosão nuclear, um garoto é trancado em um abrigo, por sua família, para escapar do holocausto. Só que esquecem de avisar ao garoto que não caiu bomba nenhuma. Trinta anos depois o menino, agora um homem, sai de seu abrigo e descobre um mundo totalmente diferente de 1962. Elenco: Brendan Fraser, Christopher Walken, Alicia Silverstone, Dave Foley e Sissy Spacek. Direção: Hugh Wilson. Roteiro: Bill Kelly. Produção: Geena Davis.

Deep Blue Sea

Um grupo de oito pessoas tenta criar, geneticamente, vários tubarões. Mas

a busca pela cura do mal de Alzheimer acaba criando uma nova raça de tubarões, mais cruéis e perigosos que os normais. Eles são inteligentes, matam por prazer, e querem acabar com todos do grupo. Elenco: Samuel L. Jackson, Saffron Burrows, Thomas Jane, LL Cool J, Jacqueline McKenzie e Wayne Knight (*Seinfeld* e *3rd Rock from the Sun*). Direção: Renny Harlin. Roteiro: Talley Griffith e David Walker. (*Parada Obrigatória* - <http://www.parada.com.br>)

Sites interessantes

- Livros em formato TXT grátis podem ser encontrados no site: [http://www-personal.umich.edu/~jrcole/scifi.htm]. Além disto, links para sites de vários autores e bancos de dados sobre FC. (*por Fabio Milan*)

- Conheçam as últimas novidades da página do Organia [http://organia.skynet.com.br]:

Memorabilia - Equipamentos Trekkers! Neste mês, o Memorabilia é dedicado aos equipamentos utilizados pelos personagens de *Jornada nas Estrelas*. Diversos tricorders, comunicadores, (etc.) estão à disposição dos trekkers mais curiosos.

Trek Girls - Monyh Q'Evans é a segunda candidata ao título de "Miss Universo", representando as belas mulheres de Andor. Ela chega com um pouco de atraso, mas sua bela pele azul aveludada irá com certeza balançar os corações dos nossos leitores.

E ainda as seções tradicionais semanais Sev Trek e Imagem da Semana. Confira também o calendário do mês.

- No Tucows, pode-se encontrar um soft (free) chamado GALAXYSF, que pretende ser a Bíblia da FC em português (!!). Está bastante atualizado. Interessados podem baixar o arquivo de 5 Mb do site da Tucows em [www.tucows.com] [http://download.com/cgi-bin/dl2?pc-041882-] [http://members%2exoom%2ecom/kingo] (*por Blekbird*)

- Bruce Sterling e Roberto de Sousa Causo [roberto.causo@dks.com.br]

estão moderando uma lista de discussão sobre FC global, em [RGP@dks.com.br]. Para participar basta enviar uma mensagem a esse endereço. O objetivo da lista é discutir a FC internacional e modos de torná-la mais acessível, e trazê-la mais para dentro da tradição da FC, que é dominada pelos anglo-americanos.

Ultimamente a lista tem estado bastante animada, discutindo tradução, o esnobismo americano com relação à FC não anglo-americana, estratégias de mercado, e interesse do público.

Participam alguns nomes de peso no cenário da FC internacional, como James Gunn, Norman Spinrad, Sam J. Lundwall, Gwyneth Jones, e também editores de revistas de vários países. A lista, é claro, é desenvolvida em inglês. (*por Roberto de Sousa Causo*)

Concurso

Durante a reunião do CLFC foi lançado, oficialmente, o I Concurso *REVISTA QUARK* de Ficção Científica e Terror 1999, com divulgação do Regulamento e demais informações prestadas por Marcelo Baldini, o editor da citada revista.

Portanto, preparem seus trabalhos inéditos, que possuam até 8000 palavras, pois há premiação em espécie envolvida, para primeiros e segundos lugares em ambos gêneros, sendo reservado aos terceiros colocados uma assinatura da revista, além de outras premiações ainda não confirmadas por indefinição de, esperemos, futuros patrocinadores. Se não sair, fica nisso mesmo, o que já é muita coisa, em tempos de vacas magras, com a publicação garantida dos vencedores numa edição especial da revista, em data ainda a ser programada (provavelmente em fevereiro/2000).

Outros dados poderão ser obtidos no endereço da revista *QUARK* - R. Bela Vista, 180, ap. 91, Centro, São Bernardo do Campo, SP, CEP 09715-030, no seu site oficial [http://www.geocities.com/SoHo/Exhibit/2926/index.html] ou por meu intermédio no e-mail [rogamvas@radnet.com.br]. Mãos à obra e boa sorte! (*por Rogério Amaral de Vasconcellos*).

Projeto CD-ROM

Matias Perazoli Júnior está começando a desenvolver um projeto, ainda sem nome, que se trata de um CD-ROM com o histórico da FC/Fantasia/Horror no Brasil, levando em conta desde nosso descobrimento.

Por não ser um especialista, nosso amigo Matias conta com a ajuda de vocês para conseguir material envolvendo:

- Biografias, inclusive fotos scaneadas ou não (depois de scaneadas serão devolvidas);
- Resenhas de livros;
- Histórico de Encontros;
- Depoimentos;
- Artigos e Contos em Geral;
- Informações sobre fanzines.

O material pode ser enviado pelo correio para Av. Santo Amaro, 4281, Ap. 02, B1 F, Brooklin Paulista, CEP 04555-003, São Paulo, SP. Informações: Tel:

(011)240-2311, e-mail [mpj@sol.com.br], ICQ 13351482.

Prêmios

Prêmio Saturn de Sci-Fi, Horror & Fantasy

Melhor filme de FC: Empate entre *Armageddon* e *Dark City*

Melhor Filme de Fantasia: *O Show de Truman*

Melhor filme de Horror: *Apt Pupil*

Melhor Ação/ Aventura/Thriller: *O Resgate do Soldado Ryan*

Melhor Ator: James Woods (*John Carpenter's Vampires*)

Melhor Atriz: Drew Barrymore (*Ever After*)

Melhor Diretor: Michael Bay (*Armageddon*)

Melhor Roteirista: Andrew Nichol (*The Truman Show*)

Melhor Música: John Carpenter (*Vampires*)

Melhor Maquiagem: Robert Kurtzman, Gregory Nicotero, Howard Berger (*Vampires*)

Melhores Efeitos Especiais: Voker Engel, Patrick Tatopolous, Karen Goulekas, Clay Pinney (*Godzilla*)

Melhor Série: *The X-Files*

Melhor Série de TV: *Babylon 5*

Melhor Ator de TV: Richard Dean Anderson (*Stargate: SG-1*)

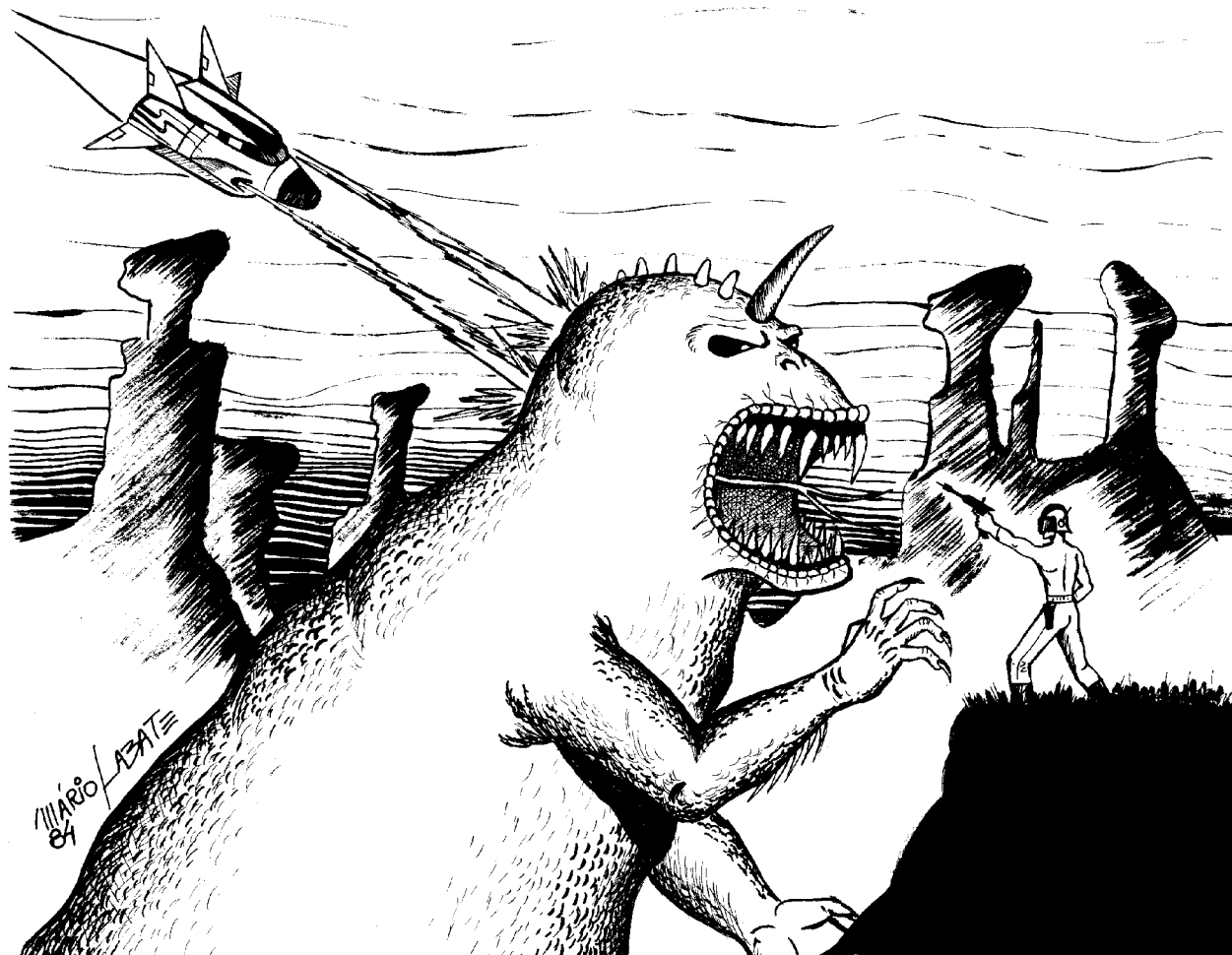
Melhor Atriz de TV: Sarah Michelle Gellar (*Buffy the Vampire Slayer*)

Melhor Ator coadjuvante: Ian McKellen (*Apt Pupil*)

Melhor Atriz Coadjuvante: Joan Allen (*Pleasantville*)

(por Blek)

Gostaria de agradecer a todos que enviaram ou disponibilizaram material para ser publicado, em especial ao Site Parada [<http://www.parada.com.br>].



Talvez esteja a imaginação a ponto de retomar seus direitos.

André Breton, Manifesto do Surrealismo

Talvez a mais antiga e persistente crítica que se faz à ficção científica é a de que se trata de uma literatura escapista, que se deixa enredar em fantasias ocas em vez de se ocupar do mundo real e seus problemas. Essa acusação é feita freqüentemente por membros do establishment acadêmico, mas seria um erro atribuí-la unicamente a críticos sisudos, que não perdem tempo em ler o que consideram como literatura adolescente. De fato, até mesmo minha avó, que nunca freqüentou a escola, ao deparar com um filme de ficção na sessão da tarde, invariavelmente desliga a televisão resmungando que “é muita fantasia”.

Diante de uma acusação desse calibre, autores, escritores e fãs costumam reagir de modo defensivo. Tentam provar que a crítica é sem fundamento, que a ficção científica não é uma literatura escapista, que ela se ocupa, sim, da realidade concreta, quanto mais não seja de modo alegórico ou ao refletir as transformações pelas quais a sociedade vem passando desde as origens do gênero, no século XIX. Até mesmo Asimov cai nessa falácia defensiva ao comentar “O Tubo da Morte”, um dos contos de *O Cair da Noite*, escrito durante a Guerra da Coréia:

“Você pode pensar que nós, os escritores de ficção científica, éramos mais felizes que a maioria. Tínhamos uma maneira muito simpática de ‘escapar’. Poderíamos ir lá para o espaço, deixando os problemas do cotidiano terrestre para trás. Bem, escapar não é tão fácil. É mais difícil do que você possa imaginar, divorciar-se da realidade, e quando, nos dias da guerra da Coréia, decolei em minha espaçonave para as distâncias vazias entre as estrelas, o que encontrei? Uma guerra interestelar, uma batalha por uma espaçonave.”

E conclui, entre justificativo e triunfante: “Eu não estava escapando de nada!”¹

Tanto a censura dos críticos quanto as canhestras tentativas da ficção científica para se defender, bem vistas as coisas, compartilham de um pressuposto que remonta, no mínimo, até Aristóteles, a saber, de que a realidade é o mais alto valor a que se pode aspirar e que, conseqüentemente, a arte (no caso, a literatura) só cumpre sua função se espelhar a realidade, quer para imitá-la, quer para corrigi-la. A acusação de escapismo, aliás, não é a única a brotar desse pressuposto. Praticamente todas as polêmicas envolvendo a função da arte, sua obrigação de refletir o meio, a sociedade, o ambiente onde ela nasce, de um modo ou de outro, se apóiam nesse mesmo axioma, a saber, atribuem à arte uma função mimética, sem a qual ela se torna estéril e inútil.

O problema, claro está, consiste em determinar se esse pressuposto é mesmo verdadeiro, não só para a ficção científica como também no contexto mais amplo, das artes em geral.

Antes de mais nada, embora os críticos costumem esquecer disso, toda obra de arte (com a possível mas improvável exceção do realismo socialista) é, no final das contas, escapista, na medida em que, ao contrário do que pensa o senso comum aristotélico, não reflete a realidade, mas constitui uma realidade autônoma, independente do mundo concreto: “Serão obras literárias”, lembra Vítor Silva, da Faculdade de Letras de Coimbra, “aquelas em que [...] a mensagem cria imaginariamente a sua própria realidade, em que a palavra dá vida a um universo de ficção.” Seguindo Roman Jakobson, a literatura privilegia a função poética da linguagem, que se caracteriza “pelo fato de a mensagem criar imaginariamente a sua própria realidade,

pelo fato de a palavra literária, através de um processo intencional, criar um universo de ficção que não se identifica com a realidade empírica, de modo que a frase literária significa de modo imanente a sua própria situação comunicativa, sem estar determinada imediatamente por referentes reais ou por um contexto de situação externa”².

Esse colocar o mundo entre parênteses marca a atividade literária como um todo. No entanto, em alguns períodos, dominados pela ideologia do realismo-naturalismo, os autores como que se envergonham desse fato, procuram disfarçá-lo, fazer de conta que retratam fielmente as coisas como são. Outras escolas literárias, por sua vez, orgulham-se dessa autonomia da obra de arte. É o caso do romantismo e do simbolismo, no século XIX, ou do surrealismo no XX. Da mesma forma que a ficção científica, ainda que cada qual a seu modo, essas correntes reivindicam que o mérito da arte está justamente em sua capacidade de criar mundos fantásticos, que se afastam da realidade, numa palavra, em seu poder de evasão.³

“Em termos genéricos”, estamos ainda com Vítor Silva, “a evasão significa sempre a fuga do eu a determinadas condições e circunstâncias da vida e do mundo e, correlativamente, implica a procura e a construção de um mundo novo, de um mundo imaginário, diverso daquele de que se foge, e que funciona como sedativo, como ideal, compensação, como objetivação de sonhos e de aspirações.”

Neste ponto, no entanto, abandonamos o teórico português. Porque restringir o poder de evasão da literatura a simples compensação das frustrações impostas pelo mundo, defini-la como sedativa - isto é, como apaziguadora das tensões e conflitos criados pela insatisfação com a realidade

quotidiana - é perder de vista o que ele tem de mais radical, subversivo mesmo. É, também, dar razão aos críticos que supõem que o leitor busca os mundos fictícios da literatura para fugir das pressões do dia-a-dia, com as quais ele é incapaz de lidar. Daí à condenação, agora não só da ficção científica, como de toda literatura, talvez mesmo da arte como um todo, não vai mais que um passo. Mas este passo nos devolveria, anacronicamente, ao século XVIII, quando se fazia exatamente essas críticas ao recém-nascido romance.

Se nos voltarmos para as concepções estéticas dos autores que defenderam o escapismo como um valor positivo, veremos que, em geral e ao contrário do que seria de esperar, eles têm uma visão bastante lúcida e nem um pouco alienada sobre a realidade. Se querem tomar distância dela é justamente em virtude de seus defeitos e limitações. Não é por nada que André Breton e os surrealistas engajaram a busca de uma supra-realidade estética a uma prática política de esquerda.⁴ No mesmo sentido, Baudelaire proclamava que “a primeira missão do poeta é a de substituir a natureza pelo homem e protestar contra ela”. Sua justificativa é o desde então célebre trecho do “Elogio da Maquiagem” que diz:

“A maior parte dos erros relativos ao belo nasce da falsa concepção do século XVIII relativa à moral. Naquele tempo a natureza foi tomada com base, fonte e modelo de todo o bem e de todo o belo possíveis. A negação do pecado original contribuiu em boa parte para a cegueira geral daquela época. Se todavia consentirmos em fazer referência simplesmente ao fato visível, à experiência de todas as épocas e à Gazette des Tribunaux, veremos que a natureza não ensina nada, ou quase nada, que ela obriga o homem a dormir, a beber, a comer e a defender-se, bem ou mal, contra as hostilidades da atmosfera. É ela igualmente que leva o homem a matar seu semelhante, a devorá-lo, a seqüestrá-lo e a torturá-lo; pois mal saímos da ordem das necessidades e das obrigações para entrarmos na do luxo e

dos prazeres, vemos que a natureza só pode incentivar apenas o crime. É a infalível natureza que criou o parricídio e a antropofagia, e mil outras abominações que o pudor e a delicadeza nos impedem de nomear. É a filosofia (refiro-me à boa), é a religião que nos ordena alimentar nossos pais pobres e enfermos. A natureza (que é apenas a voz de nosso interesse) manda abatê-los. Passemos em revista, analisemos tudo o que é natural, todas as ações e desejos do puro homem natural, nada encontraremos senão horror. Tudo quanto é belo e nobre é o resultado da razão e do cálculo. O crime, cujo gosto o animal humano hauriu no ventre da mãe, é originalmente natural. A virtude, ao contrário, é artificial, sobrenatural, já que foram necessários, em todas as épocas e em todas as nações, deuses e profetas para ensiná-la à humanidade animalizada, e que o homem, por si só, teria sido incapaz de descobri-la. O mal é praticado sem esforço, naturalmente, por fatalidade; o bem é sempre o produto de uma arte.”⁵

Essa postura solapa a ideologia mimética da arte em suas próprias bases, nega seu pressuposto fundamental, a saber, o de que a realidade é a fonte última do valor artístico, o de que a arte só tem significado enquanto reflexo do real. Pelo contrário, dizem Baudelaire, Breton e outros que adotam a mesma postura, a realidade é imperfeita. A função da arte é não apenas criticar essa imperfeição, mas corrigi-la. Daí que a literatura se empenhe com tanto esforço em criar mundos imaginários, em contraste com os quais as falhas e defeitos da realidade apareçam com mais clareza. De modo que a ficção científica não deveria se envergonhar ao ser chamada de escapista mas, pelo contrário, reivindicar esse título com orgulho, porque ele a aproxima da arte no que a arte tem de melhor.

Baudelaire, não nos esqueçamos, foi o primeiro tradutor de Poe na França e o principal responsável pela revalorização desse autor. Ora, Poe foi justamente um dos criadores da ficção científica, ao lado de Júlio Verne, cujas aventuras devem muito ao gos-

to romântico pelo exotismo, e de Mary Shelley, cujos vínculos com o romantismo são tão óbvios que nem precisam ser explicitados. Assim, o escapismo que caracteriza a ficção científica deriva em linha reta do antinaturalismo simbolista e da evasão romântica.

Mas o afastamento de uma pseudo-realidade imperfeita buscado por românticos e simbolistas é apenas uma das faces da moeda e tem seu correlato numa tentativa de aproximação a uma outra realidade, entendida como mais fundamental e da qual o nosso mundo não seria mais que um simulacro. Essa correlação fica particularmente clara em *Às Avesas*, de J.-K. Huysmans, romance que é um dos marcos do simbolismo. Des Esseintes, o protagonista, é um nobre decadente que se fecha em seu castelo para fugir da “realidade vulgar dos fatos”. É o escapismo, aqui reduzido a sua essência mais pura.⁶ Paralela a sua rejeição à mediocridade do mundo natural, Des Esseintes desenvolve uma paixão pelo artifício na qual reconhece a “marca distintiva do gênio humano”. Sente-se atraído por tudo que é artificial e rebuscado. As locomotivas lhe parecem muito mais belas do que qualquer espetáculo proporcionado pela natureza, que ele descreve como uma “sempiterna maçadora” que “já teve a sua vez”. O próprio Des Esseintes dá a chave para interpretarmos essas “tendências para o artifício” que, para ele, são “ímpetos no rumo de um ideal, de um universo desconhecido, de uma beatitude longínqua, desejável como aquela que as Escrituras nos prometem”⁷.

Pois bem, Des Esseintes compartilha essas “tendências para o artifício” com a ficção científica que, apesar do nome, reflete menos uma fascinação com a ciência do que com a técnica. No coração da ficção, temos o gadget, a máquina, a tecnologia, uma tecnologia fantástica e futurista, comparada com a qual a locomotiva que fascinava Des Esseintes chega quase a parecer tão maçadora quanto o mais medíocre por-do-Sol. E qual é a essência da tecnologia senão um impulso para transcender a natureza, que o

sociólogo português Hermínio Martins reconhece derivar daquele mesmo gnosticismo que atraiu tantos autores ligados direta ou indiretamente à ficção científica, sobretudo Philip K. Dick⁸ e Thomas Pynchon⁹?

“As correntes e tendências recentes numa variedade de áreas tecnológicas”, escreve Martins¹⁰, “bem como as prolépticas pretensões e profecias de destacados estudiosos em campos tais como a genética, a engenharia biológica e a inteligência artificial, sustentam a tese de que estamos atualmente a enfrentar um síndrome cultural que Victor Ferkiss (1980) chamou de ‘gnosticismo tecnológico’ (...). A expressão ‘gnosticismo tecnológico’ pode parecer contraditória dado que o gnosticismo é usualmente entendido como envolvendo horror ao orgânico, repugnância pelo corpo, aversão pelo natural (...) e um pathos metafísico por via do qual a ‘viscosidade’ das coisas é sentida como radicalmente inimiga do espírito. A tecnologia implica manipulação do mundo material e, por aí, aparece como inerentemente contragnóstica. Todavia, pela expressão superficialmente paradoxal ‘gnosticismo tecnológico’ quer-se significar o casamento das realizações, projetos e aspirações tecnológicos com os sonhos caracteristicamente gnósticos de se transcender radicalmente a condição humana (e não simplesmente de a melhorar e habilitar os seres humanos a triunfarem sobre forças naturais hostis). Ultrapassar os parâmetros básicos da condição humana - a sua finitude, contingência, mortalidade, corporalidade, animalidade, limitação existencial - aparece como um móbil e até como uma das legitimações da tecnociência contemporânea.”

Não por acaso, os exemplos que Martins cita como expressão dessa tendência gnóstica e antinaturalista da técnica são justamente os temas que mais têm fascinado a ficção científica desde suas origens: “Formas de vida artificiais, seres biomecânicos, computadores com aparência de vida: estas criações ónticas mostram que as implicações ontológicas das

biotecnologias e das novas tecnologias da informação são consideráveis e desafiam a metafísica descritiva recebida (a nossa imagem do equipamento básico do Mundo e suas articulações ontológicas) bem como as cosmologias comuns.”

É o próprio Martins que se encarrega de estabelecer a relação entre esses projetos da ciência e a ficção contemporânea, ou pelo menos uma de suas vertentes:

“A criação de vida artificial mista e as tecnofomas que emulam a mente têm, talvez surpreendentemente, sido bem recebidas e elogiadas pela ficção científica feminista e por alguma filosofia feminista. (...) Rejubilam com a destruição de dicotomias tão veneráveis e tipicamente assimétricas como natural/artificial, Natureza/cultura, masculino/feminino, mecânico/orgânico, espírito/corpo, Deus/Homem, original/réplica, eu/outro. Vêm o aparecimento ficcional ou real de andróides (...), de cyborgs, cybots, mosaicos e quimeras como ditosos desafios às separações e dualismos ontológicos.”

De acordo com Martins, no limite, isso que os sociólogos chama de tecnociência levaria à completa transcendência da realidade material e sua substituição por uma outra realidade, artificialmente produzida mas, por isso mesmo, mais próxima do espírito: “Permite o entrever fugaz de computopias nas quais o mundo material e o correspondente mundo da experiência sensorial são crescentemente substituídos pelo processamento de informação (com um estatuto ontológico diferente e superior, mais próximo do espírito do que da matéria e da energia, na visão clássica do Mundo).”¹¹

O que nos traz de volta a Des Esseintes, cujas construções artificiais prenunciariam, para o psicólogo pós-junguiano Andrew Samuels, isso que Martins designa pelo horrendo neologismo de computopias: “Em seus deleites manipulados e artificiais, não percebemos um reconhecimento de que nenhuma experiência direta da natureza é possível? (Nenhuma experiência direta de nada mais, aliás.) A

natureza é uma entidade artificial, um fenômeno construído, que existe nos corações e mentes dos seres humanos. E aqui, será que Des Esseintes não antecipa a idéia de Jung¹² de que tudo o que existe, existe primeiro na realidade psíquica? Ou, numa veia mais moderna, será que Contra a Natureza¹³ não é uma antecipação da realidade virtual do jogo de computador e de uma cultura restrita à tela enquanto parque de diversões?”¹⁴

Eis até onde nos conduz o escapismo do qual a ficção científica é justificadamente acusada. Não à alienação irresponsável, sugerida pelos que acham que esse escapismo é uma fuga do mundo concreto, mas a um radical questionamento daquilo que consideramos real, bem como à formulação de um projeto de superação dessa realidade limitada por meio da técnica. Formulação, sim, uma vez que esses objetivos atualmente perseguidos pela engenharia genética, pela robótica e pelas ciências da computação, antes de ocuparem as pranchetas dos cientistas e técnicos que hoje estão na vanguarda da pesquisa, nasceram primeiro entre as páginas de uma literatura escapista.

Referências:

- ¹ Isaac Asimov, *O Cair da Noite*, Ed. Hemus, São Paulo, 1981.
- ² Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, Livraria Almedina, Coimbra, 1969.
- ³ Deve-se notar, contudo, que um autor do porte de James Gunn atribui as origens da ficção científica ao realismo-naturalismo do século XIX, e não ao pendor romântico para a fantasia.
- ⁴ Cf. André Breton, *Manifestos do Surrealismo*, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.
- ⁵ Charles Baudelaire, “Elogio da Maquiagem”, em *Sobre a Modernidade*, Paz & Terra, São Paulo, 1996.
- ⁶ Huysmans, aliás, estabelece sem sombra de dúvida a filiação da ficção a esse escapismo no cap. XIV, quando fala dos livros que atraem Des Esseintes: “Nalguns é o retorno às épocas pretéritas, às civilizações desaparecidas, aos tempos mortos; em

outros, é um impulso rumo ao fantástico e ao sonho, é uma visão mais ou menos intensa de um tempo por nascer cuja imagem reproduz, sem que ele o saiba, por um efeito de atavismo, a de épocas findas.”

⁷ J.-K. Huysmans, *Às Avestas*, Companhia das Letras, São Paulo, 1987.

⁸ Cf. Philip K. Dick, “How to Build a Universe That Doesn’t Fall Apart Two Days Later”, in Lawrence Suttin (org.), *The Shifting Realities of Philip K. Dick*, Pantheon Books, Nova York, 1995: “I have been accused of holding Gnostic ideas. I guess I do. At one time I would have been burned. But some of their ideas intrigue me.”

⁹ Ver, a esse respeito, o alentado estudo de Dwight Eddins, *The Gnostic Pynchon*, Indiana University Press, Bloomington, 1990.

¹⁰ Hermínio Martins, “Hegel, Texas: Temas de Filosofia e Sociologia da Técnica”, in *Hegel, Texas e Outros Ensaios de Teoria Social*, Edições Século XXI, Lisboa, 1996.

¹¹ Cf. William Gibson em *Neuromancer* (Ed. Aleph, São Paulo, 1991): “Para Case, que havia vivido na incorpórea exaltação do ciberespaço, isso constituiu a Queda. Nos bares que frequentara quando era um cowboy no auge, a atitude de elite era de um certo desprezo pela carne.

O corpo era carne; Case caíra na prisão do próprio corpo.”

¹² Apenas para não perder a relação entre os temas, convém mencionar que a psicologia de Jung foi profundamente influenciada pelo gnosticismo e que esse autor é habitualmente citado como um dos responsáveis pela revalorização das correntes gnósticas do sec. II d.C. Cf. Stephen Hoeller, *A Gnose de Jung e os Sete Sermões aos Mortos*, Ed. Cultrix, s/d.

¹³ Título da tradução inglesa de *Às Avestas*.

¹⁴ Andrew Samuels, *A Psique Política*, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1995.

Compre, leia e colabore com os fanzines brasileiros!

• **Astaroth**: Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Hiperespaço**: Editores: Cesar Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Cx. Postal 375, Santo André/SP, 09001-970

• **Hipertexto**: Editores: Carlos André Mores e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias. R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.

• **Informativo Perry Rhodan**: Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine oficial do “Perry Rhodan Fã Clube do Brasil”. Informação, curiosidades, artigos e contos. Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041.

• **Intrepid**: Editor: Fábio Barreto. A4, 20 páginas, capa em cores. Dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas*. R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo/SP, 08290-000.

• **Juvenatrix**: Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Megalon**: Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Contos, artigos, notícias, cinema e quadrinhos. Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180

• **Notícias... do Fim do Nada**: Editor: Ruby Felisbino

Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Contos, artigos e publicação de listas de livros e autores.

R. Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150

• **Brief News**: Editor: Alexys B. Lemos. A4, 10 páginas, trimestral. Fanzine dedicado a resenhar as principais revistas de FC americanas. Cx. Postal 129, João Pessoa/PB, 58001-970.

• **Suplemento de Ficção Científica**: Editor: Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Contínuo*, resenhas de livros estrangeiros, comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC. Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

• **Fábrica de Fanzines**:

Todos os fanzines da “Fábrica” são editados por Roberto de Sousa Causo. R. Aimberê, 406/103, São Paulo/SP, 05018-010.

Biblioteca Essencial da FCB: série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

Borduna & Feitiçaria: A4, 16 páginas. Fanzine voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.

Brazuca Review: A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.

Diário do Fandom: Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.

Papêra Uirandê Especial: A4, 36 páginas. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.

O Rhodaniano: A4, 12 páginas. Fanzine sobre a série alemã de FC *Perry Rhodan*.

Está bem estabelecido que, ao nível subatômico, não há orientação preferencial para o tempo e que as partículas subatômicas podem ser vistas como sofrendo interações e alterações que podem ser interpretadas como dirigindo-se no sentido positivo ou negativo do tempo, com as mesmas leis da natureza aplicando-se em cada caso. Um elétron 'inteligente' poderia, portanto, descobrir maneiras de se mover para frente ou para trás no tempo à vontade.

Isaac Asimov

De todos os temas básicos da ficção científica, eu acho que as viagens no tempo são o mais fundamental, o mais próximo do cerne do gênero. Histórias de espaçonaves viajando por sóis distantes, de robôs perfeitos transformando a civilização humana, de mutantes com estranhos poderes físicos ou mentais são muito boas, mas são apenas aspectos do essencial da ficção científica, que, para mim, é revelar o futuro. (...) As histórias de viagens no tempo me dão o próprio futuro, a coisa fundamental, o inatingível porvir. Como leitor e depois como escritor, sou atraído constantemente para elas.

Robert Silverberg

A imaginação é mais importante que o conhecimento.

Albert Einstein

Uma das coisas complicadas para os leitores de FC aficionados de viagens no tempo é termos que conviver com os paradoxos temporais. Não me entendam mal: São uma das coisas mais fascinantes das histórias. Mas têm que ser tratados com habilidade, ou então fica a sensação de estarmos sendo enganados, de estarem abusando de nossa boa fé.

Alguns autores mergulham fundo nos paradoxos, sem temê-los. Outros os evitam, parecem intimidados. A coisa fica ainda mais complexa quando lemos livros de escritores diferentes, pois cada um inventa uma 'regra do jogo' própria para tratar dos paradoxos. E às vezes o mesmo autor, no mesmo livro, trata o mesmo paradoxo de maneira diferente.

Vou tentar expor neste artigo um resumo de minhas idéias e impressões sobre os paradoxos temporais na ficção científica, descrevendo-os e comparando como o tema foi tratado por quatro autores de FC: Robert Silverberg (*O Correio do Tempo*), Poul Anderson (*Os Guardiões do Tempo*), Isaac Asimov (*O Fim da Eternidade*) e o escritor brasileiro Octávio Aragão (contos "Eu Matei

Paulo Rossi", publicado na coletânea *Outras Copas, Outros Mundos*, da Editora Ano-Luz, e "Um Museu de Velhas Novidades", ainda inédito).

Vamos começar com *O Correio do Tempo*, onde Silverberg entra com apetite nos paradoxos, chegando a brincar com eles. A narrativa é feita através do personagem principal, um Correio do Tempo (membro de uma organização especializada em turismo temporal). Assim, vamos 'aprendendo' junto com ele sobre os paradoxos desde seu 'curso de treinamento'. Os paradoxos silverbergianos são:

1)Paradoxo da Acumulação: Acontece quando a mesma pessoa parte de diversos pontos da linha do tempo para o mesmo ponto do passado. Acontecia muito com os Correios do Tempo. Tinha um, por exemplo, que era especializado em visitas turísticas à Crucificação da Cristo. Já havia feito essa viagem 22 vezes ao longo de vários anos. Quer dizer que no Monte Calvário apareciam 22 versões desse Correio ao mesmo tempo assistindo ao evento. Esse paradoxo abria outros paradoxos. Se todas essas viagens aconteceram e a tese principal da viagem no tempo é que o passado, o pre-

sente e o futuro fazem parte de um único continuum, por que todas não estavam lá desde o início? E, levando em conta que o turismo temporal continuasse pelos séculos subseqüentes, por que não havia hordas de milhares de turistas do futuro assistindo à Crucificação? Por que essa multidão gigantesca não estava registrada na História? Silverberg faz todas essas indagações através de Jud Elliott (o novo Correio). Qual a solução? Silverberg não dá. Na história, esse paradoxo permanecia insolúvel mesmo para as melhores mentes da época (2059). Aparentemente eles 'iam acontecendo' conforme eram 'introduzidos' no continuum. Paradoxalmente, nas primeiras viagens dos Correios a um lugar onde iriam aparecer depois, não havia duplicatas inicialmente. Elas iam aparecendo no decorrer 'do tempo'. Mas que tempo? O tempo não seria uma coisa só? Um continuum? Bom, acho que foi por isso que Silverberg deixou essa parte inexplicada mesmo. Deve ter dado um nó na cabeça dele também.

2)Paradoxo do Deslocamento em Trânsito: Viajantes ao passado levavam consigo o 'seu tempo', como se

estivessem ‘encapsulados’ numa bolha do tempo presente tal como existia na ocasião de sua viagem. Isto é’, modificações da História posteriores à sua viagem não poderiam atingi-lo, desde que permanecesse fora de sua matriz temporal (o presente de onde partiu). Assim, você poderia matar seu avô quando ele era ainda criança. Você não deixaria de existir imediatamente, só se voltasse ao presente, onde você não teria mais qualquer ligação temporal, visto que você nunca teria nascido.

3) Paradoxo da Descontinuidade: Acontecia quando você encontrava no passado alguém que partiu de um ponto do futuro diferente do seu. Ele poderia não reconhecê-lo, pois no seu (dele) presente vocês ainda não tinham se encontrado. Ou podia acontecer o oposto. Você encontrar alguém que partiu de um futuro à frente do seu e que soubesse o que ia acontecer com você nos próximos meses ou mesmo anos. Havia um rígido código de ética dos Correios para evitar esses contatos e, se ocorressem, evitar qualquer troca de informações. Esse paradoxo, por sua vez, também abria outros paradoxos. Se todos os eventos fazem parte de um único continuum, eles sempre aconteceram. Assim, ao ser apresentado no passado longínquo a alguém que você já havia encontrado antes no presente, mas que você está conhecendo ‘agora’ (no passado longínquo) vindo de outro ponto do futuro quando vocês ainda não tinham sido apresentados, ele devia manter memória desse encontro prévio, não é? Depois ele iria conhecê-lo ‘realmente’ no tempo presente de ambos. Mas aquele primeiro encontro sempre teria acontecido, certo? Silverberg dá tratamentos contraditórios a esses paradoxos no livro. Apenas uma vez aconteceu essa ‘lembrança’, e ainda assim de modo vago. Em geral, passou a idéia de que esses encontros ‘descontínuos’, tal como no Paradoxo da Acumulação, pareciam acontecer no passado em ‘paralelo’ com o presente.

4) Paradoxo da Duplicação: Aconteceu no livro de Silverberg quando nosso herói Jud tentava evitar que um

turista acionasse um temporizador alterado para viajar no tempo por conta própria (os temporizadores eram presos ao corpo por uma faixa plástica e os dos turistas eram travados e só podiam ser acionados pelos Correios). O turista foi rápido e saltou no tempo antes. Aí Jud voltou alguns segundos no passado para tentar de novo, encontrando de novo o turista e sua própria versão de alguns segundos antes, quando ainda não havia feito a primeira tentativa de deter o indisciplinado visitante. Só que ele era mesmo esperto e escapou de novo. E o primeiro Jud, assustado com aquela chegada inusitada de sua versão futura, alterou suas ações e deixou de voltar ao passado aqueles mesmos segundos, tal como fizera na primeira vez, alterando a História. Permaneceram então os dois Juds existindo em paralelo na mesma linha de tempo, como duplicatas permanentes, apenas um tendo vivido e possuindo memórias de alguns segundos a mais que o outro. (Na verdade, Silverberg descreveu apenas um dos dois possíveis tipos de Paradoxo de Duplicação, no caso o que poderíamos classificar como Paradoxo da Duplicação por Alteração da História. Existe também o Paradoxo da Duplicação Cumulativa, como veremos adiante).

4) Paradoxo Final: No ‘curso’ essa expressão era reservada para um evento causado por um viajante do tempo no passado que mudasse a História de modo que as viagens no tempo nunca fossem descobertas.

5) Lei dos Paradoxos Mais Fracos (Law of Lesser Paradoxes): Engenhosa invenção de Silverberg: Quando eventos pudessem causar paradoxos múltiplos, ocorria antes o menos improvável (por exemplo: o Paradoxo do Deslocamento em Trânsito acontecia com precedência sobre o Paradoxo Final).

Nesse ponto é conveniente explicar que n’*O Correio do Tempo* as viagens ao futuro não eram possíveis. Isto é, você podia voltar ao passado, mas só podia retornar ao futuro até a data da partida somada ao tempo ‘absoluto’ (ou ‘fisiotempo’, para usar a expressão que Asimov adotou n’*O Fim da*

Eternidade) que você despendeu no passado. Outra limitação era que o ‘temporizador’, como a Máquina do Tempo de H. G. Wells, só permitia viagens no tempo, não no espaço. Assim, o viajante do tempo teria que primeiro fazer uma viagem física no presente para o local de destino e só então se transportar para o tempo desejado.

O Correio do Tempo era uma das divisões do Serviço do Tempo. A outra era a Patrulha do Tempo, cuja função era evitar qualquer alteração do continuum temporal. Essas alterações não autorizadas eram consideradas crimes temporais (timecrimes), sendo o único caso de pena capital da época.

Silverberg descreve um passado fluido e editável. Houve um acidente com um turista temporal durante uma excursão? O Correio podia voltar alguns minutos no tempo e evitá-lo. Claro que ficaria para sempre no continuum temporal a ‘edição’, com dois Correios aparecendo simultaneamente por alguns minutos (essa prática era sujeita a sanções por parte da Patrulha).

A Patrulha do Tempo usava essa mesma fluidez do passado para corrigir os crimes temporais. Alguém voltava ao passado para matar Maomé antes dele criar o Islamismo ou envenenar Jesus Cristo enquanto criança? O criminoso era rastreado, localizado e impedido de fazer a viagem ao passado imediatamente antes de cometer seus crimes. Todos os acontecimentos resultantes de sua ação viviam então não-eventos. Nunca aconteceram. Eram apagados do continuum e não deixavam qualquer consequência nem memórias (exceto naqueles protegidos pelo Paradoxo do Deslocamento em Trânsito). A coisa vai ficando complicada, não é? E esse Paradoxo da Alteração/Correção Retroativa da História abria, como sempre, outros paradoxos. Por exemplo, uma alteração do passado num ponto-chave, como os assassinatos de Maomé ou Jesus, iria imediatamente se refletir no continuum? O presente seria imediatamente modificado? A própria viagem no tempo poderia dei-

...de existir? Como haveria a correção posterior pela Patrulha do Tempo se ela nunca havia sido criada? Silverberg adota nesse caso uma solução análoga aos Paradoxos da Acumulação e da Descontinuidade, isto é, as mudanças vão se ‘propagando’ no continuum em ‘paralelo’ com o presente. Mas como, se tudo é um só continuum? O próprio Jud se pergunta como e não sabe a resposta. Aí podemos observar uma falta de auto-consistência no livro, pois, no caso citado do viajante do tempo matar seu avô quando criança, Silverberg admite que sua existência no presente seria imediatamente cancelada. Esse evento é até descrito como uma forma de suicídio adotada na época (esses crimes temporais eram sempre descobertos e revertidos pela Patrulha do Tempo, mas, como o criminoso era executado, o suicídio transtemporal acabava tendo sucesso de qualquer modo). No Correio do Tempo, o assassinato do menino Jesus (sim, ocorreu!) foi descoberto quando um Correio foi levar um grupo de turistas à cena da Crucificação e não tinha nenhum Jesus lá. Só os dois ladrões. A Patrulha localizou o criminoso e fez a correção retroativa, evitando que viajasse ao passado para matar Jesus. Como Jesus foi morto aos 11 anos e o crime descoberto aos 33, apenas 22 anos foram afetados. E como o Cristianismo só provocou efeitos históricos muito tempo depois da morte de Cristo, as alterações do continuum foram irrelevantes. Após a ‘edição’ da Patrulha do Tempo, mesmo essas alterações foram totalmente eliminadas. O assassino? Foi executado. Mesmo com sua vítima ‘ressuscitada’ pela Patrulha do Tempo.

Outra coisa interessante na ‘regra do jogo’ temporal de Silverberg: Os Correios podiam dar umas fugidinhas durante as excursões. Podiam saltar para outras épocas e passar horas ou dias relaxando. E os pobres turistas presos num passado longínquo? Bastava o Correio saltar no tempo de volta alguns minutos após ter partido. Para todos os efeitos práticos nunca tinha ficado muito tempo longe.

Quanto ao problema das línguas dos

tempos passados, os Correios, Patrulheiros e turistas tomavam hipno-cursos rápidos antes das excursões ou missões e mantinham fluência perfeita por um ou dois meses

Acho que Silverberg pensou em quase todos os Paradoxos Temporais n'*O Correio do Tempo*, por isso me estendi mais na análise do seu livro. Apenas dois outros eventos paradoxais ficaram de fora: Os ‘loops’ (às vezes chamados também de Paradoxos do Ovo e da Galinha) e as duplicações cumulativas. Os primeiros são de dois tipos: Os ‘loops’ de repetição temporal (trataremos deles adiante) e os ‘loops’ de objetos ou pessoas.

Os Paradoxos dos ‘Loops’ têm aparecido mais no cinema. Um bem conhecido, na modalidade objeto, apareceu no filme *Em Algum Lugar do Passado*, onde o personagem principal recebe um relógio de uma velha senhora e descobre depois que era um amor que encontrou numa viagem ao passado. Ele acaba conseguindo essa viagem através de um processo mental, mas viaja materialmente, deixando registros no passado e, o mais surpreendente, levando consigo aquele mesmo relógio que recebeu da velha senhora para dá-lo à mesma mulher quando era uma bela jovem. Depois ele volta ao presente. E ela vai sempre lembrar-se dele e guardar o relógio para dar-lhe no futuro quando encontrá-lo. O que só consegue fazer quando já é uma velha senhora, fechando o ‘loop’. O paradoxo aí é: Quem fabricou esse relógio? Como surgiu no continuum temporal se ele começa e termina nesse ‘loop’ transtemporal entre os dois amantes? Um outro filme com ‘loop’ paradoxal, dessa vez de pessoa, é *O Exterminador do Futuro*, onde o líder da resistência do futuro envia ao passado um protetor para sua mãe antes dele nascer. E esse protetor acaba tornando-se seu pai. Quer dizer, sua própria existência no seu presente dependia dele fazer com que seu futuro pai voltasse ao passado e pudesse engravidar sua futura mãe, fechando o ‘loop’. Na continuação desse mesmo filme temos um ‘loop’ de objeto, quando revela-se que a empresa criadora da

tecnologia que iria gerar o domínio das máquinas no futuro na verdade baseou suas pesquisas no chip e nos componentes que restaram do primeiro Terminator destruído, que, por sua vez, foi criado como desenvolvimento dessa mesma tecnologia. Outro exemplo famoso de ‘loop’ temporal apareceu na série de filmes do *Planeta dos Macacos*, onde o filho de um casal de macacos vindo do futuro viria a liderar a revolta dos antropóides que acabaria gerando um mundo dominado pelos macacos, de onde chegariam seus próprios pais no futuro, num ciclo infinito.

O Paradoxo da Duplicação Cumulativa pode ser considerado uma variação do Paradoxo da Acumulação, mas com características diferentes. Não é muito usado em obras de FC, pelo menos não o tenho encontrado com frequência. Ele acontece quando removemos um objeto ou pessoa de um determinado ponto na linha do tempo e o transportamos para o passado (ou outro instante do tempo, dependendo dos critérios transtemporais do autor). Depois voltamos a um momento imediatamente anterior à primeira remoção e repetimos a operação, levando a pessoa ou objeto para junto da primeira ‘duplicata’, ficando os dois na mesma linha de tempo. Poderemos repetir indefinidamente essa operação, acumulando quantas duplicatas quisermos a partir do ‘original’, sempre coletando alguns instantes antes da última remoção. Poderíamos perguntar: A segunda remoção não faria desaparecer a primeira, já que só num ponto posterior do tempo você transportou o primeiro objeto? Você iria chegar lá (no ponto de remoção ou entrega) e não encontrar nada? Não, porque todos os objetos removidos não estariam mais sujeitos a alterações posteriores da História (como as remoções sucessivas), visto que estariam fora de sua matriz temporal e protegidos pelo Paradoxo do Deslocamento em Trânsito. Interessante modo de se ficar rico com uma nota de 100 dólares, não é? (Desde, é claro, que ninguém note os números de série idênticos). Observamos que, na duplicação por alteração da Histó-

ria, como n'*O Correo do Tempo*, o paradoxo ocorre porque alteramos retroativamente nosso próprio curso do tempo, fazendo, por algum motivo, nosso 'eu' alterar suas ações passadas de modo a seguir um caminho diferente do que havia seguido anteriormente e que tinha levado à própria ação alteradora. Na duplicação cumulativa a entidade duplicada não é o agente da alteração da História, mas, como é sucessivamente removida de vários pontos para um único ponto da linha do tempo, ocorre uma 'acumulação permanente', diferente da acumulação dos Correios do Tempo, onde, na verdade, há uma 'linha' ligando todas as duplicatas, pois trata-se da mesma pessoa indo e voltando em sucessivas viagens com vários pontos de partida e um só de chegada. Não se pode traçar essa mesma linha ligando os objetos removidos da linha do tempo no Paradoxo da Duplicação Cumulativa. Um último comentário sobre a duplicação cumulativa: No universo temporal silverbergiano esse paradoxo teria duas restrições, uma que os objetos teriam que ser transportados sempre para o passado (não existem viagens para o futuro 'absoluto'), e outra que você não poderia levar os objetos de volta para o tempo de onde saíram. Por quê? Porque ocorreria com as cópias o mesmo que aconteceria a você se voltasse ao presente vindo de uma viagem ao passado onde matou seu avô criança. Você deixaria de existir. Temos que ter em mente que cada remoção sucessiva num ponto anterior da linha de tempo do objeto ou pessoa alterou sua História, tornando não-eventos todas as remoções anteriores, pois o objeto ou pessoa não estariam mais lá para serem removidos. Em outros pontos do tempo, todas as cópias estariam protegidas pelo Paradoxo do Deslocamento em Trânsito, mas, no momento em que fossem devolvidas à sua matriz de tempo original, desapareceriam, restando apenas uma entidade, aquela removida por último. Vemos portanto que a duplicação cumulativa silverbergiana não viola a lei de conservação da massa, embora em outros universos tem-

porais ocorra essa aparente violação, como veremos depois.

Vamos agora nos debruçar (no bom sentido) sobre Poul Anderson. *Os Guardiões do Tempo* é um excelente livro de viagens no tempo, formado por cinco contos, mas que não se envolve tanto nos paradoxos como *O Correo do Tempo*. Paradoxos como da Acumulação e da Descontinuidade não são sequer imaginados. Também tem uma Patrulha do Tempo que tenta manter o continuum e tem o poder de corrigir retroativamente a História, transformando eventuais alterações em não-eventos, mas as viagens intertemporais não mostram, a meu ver, todo seu potencial paradoxal, ao menos não com a voluptuosidade de Silverberg. Em vez de temporizadores presos à cintura, os agentes de Anderson usam veículos (como na Máquina do Tempo de H. G. Wells), mas, além de mais avançados (Anderson os define como motonetas antigravidade), não sofrem das limitações impostas por Silverberg e Wells em suas obras, podendo viajar simultaneamente para qualquer instante do tempo e lugar do espaço. No conto 'Delenda Est' a História é mudada quando o general romano Cipião é morto por um criminoso temporal antes que possa combater com sucesso Aníbal, e, em consequência, Cartago derrota e arrasa Roma, alterando radicalmente o futuro. Mas, em outra diferença com respeito ao universo intertemporal de Silverberg, Poul Anderson entende que, nesse caso, a História muda instantaneamente, preservando apenas os agentes que estavam viajando na linha de tempo em pontos anteriores à mudança. Esses, por sua vez, também diferentemente da 'regra do jogo' de Silverberg, estavam permanentemente encapsulados em sua 'bolha de tempo', mesmo se voltassem ao presente modificado, onde provavelmente não teriam nem existência, tamanhas as alterações históricas ao longo de milênios - o que é na verdade tão paradoxal quanto a solução proposta por Silverberg de 'propagação lenta das mudanças'. Por outro lado, Anderson faz seus agentes irem frequentemente ao passado,

às vezes para pontos turísticos como as 'Quedas de Gibraltar' há milhões de anos, sem qualquer preocupação de descontinuidades. Existe uma academia da Patrulha no período Oligoceno, mas também esses problemas não surgem, mesmo com agentes vindo de uma infinidade de pontos no continuum para um mesmo ponto no passado (às vezes esses pontos eram usados por décadas, o que, teoricamente, permitiria um schedule, mas isso não é citado no livro).

As histórias são muito boas e imaginativas. Tal como os Correios de Silverberg, os Patrulheiros de Anderson também podiam dar suas escapadas. Na verdade, Anderson levantou até a questão, não lembrada por Silverberg, que eles poderiam tirar vários anos de férias entre uma missão e outra. Como? Bastaria sempre retornar no tempo exato previsto para sua reapresentação. Para todos os efeitos estariam cumprindo estritamente seus horários (Anderson garante que os Patrulheiros evitavam esses abusos). Às vezes a Patrulha acabava aceitando uma alteração permanente da história, como quando um agente assume por anos o papel do grande rei persa Ciro e esse período não é editado. Mas, se o continuum abarca todos os tempos, quem poderia garantir que essa aparente alteração não seria a 'verdadeira' História? Que mantê-la não seria preservar o continuum? Isso, é claro, introduz o Paradoxo da História Retroativa, isto é, pessoas do futuro, que não haviam nascido na época dos acontecimentos já ocorridos e historicamente registrados, acabarem revelando-se protagonistas desses mesmos eventos. Podemos interpretar esse paradoxo como uma variante do Paradoxo do 'Loop' ou, se quisermos, uma variante do Paradoxo da Alteração da História, visto que a 'História retroativa' nada mais é que uma alteração retroativa da História que não foi corrigida, ficando incorporada permanentemente ao continuum. Isso abre até uma discussão filosófica sobre que critérios teriam que ser usados para definir a 'verdadeira' História num mundo onde fossem possíveis viagens no tempo.

Nenhum Paradoxo de Duplicação aparece no livro de Anderson, mas, se ocorressem, os de Duplicação Cumulativa não sofreriam as restrições impostas por Silverberg. Como as viagens ao futuro não são proibidas no universo andersoniano e a única exigência para ser protegido pelo Paradoxo do Deslocamento em Trânsito é estar num ponto anterior da linha do tempo quando ocorresse uma alteração da História, bastaria, após concluídas todas as remoções duplicativas, transportá-las para qualquer ponto da linha do tempo que se quisesse. Não ocorreria mais o desaparecimento das duplicatas, mesmo se fossem retornadas ao seu tempo original, numa aparente violação da lei de conservação da massa. Por outro lado (parece que quando tratamos de paradoxos temporais sempre há um outro lado), podemos interpretar o continuum temporal como uma infinita sucessão de ‘momentos’ - infinitésimos de tempo - cada um com uma ‘cópia’ de tudo que existe. Nesse caso não faria sentido discutir se o Paradoxo da Duplicação Cumulativa viola ou não a lei da conservação da massa.

Chegamos então ao Bom Doutor. *O Fim da Eternidade* é um bom livro. Pega o leitor de um fôlego só. Tem o texto fluente e linear de Asimov. Aliás, linear demais. Esse é o problema. Asimov, no prefácio, fala que os paradoxos temporais causam especulações tão vertiginosas, que a solução mais fácil seria supor que a viagem no tempo seria impossível. Mas que ele iria enfrentá-los e escrever uma história que seria o exemplo máximo da modalidade. E aí ele inventa a ‘Eternidade’ e os ‘Eternos’. O que é a Eternidade? É uma dimensão misteriosa criada por um Campo Temporal de alta energia que se abastece da futura Nova Sol daqui a bilhões de anos. É formada por Setores que se estendem por toda a eternidade e lá vivem os Eternos, humanos recrutados para exercerem a função de Modificadores do Tempo. Na Eternidade são imunes ao Tempo e têm acesso irrestrito a todos os séculos. E o Bom Doutor não é tímido no alcance dos Eternos. A

coisa vai dos nossos tempos ao século 150.000! Sim, 15 milhões de anos! Asimov depois faz uma concessão que a humanidade não existirá mais então. Terá evoluído para alguma outra coisa desconhecida. A trama é muito imaginativa e o papel dos Eternos é oposto ao das Patrulhas do Tempo de Silverberg e Anderson. Seu trabalho é continuamente alterar o continuum, mudando a História. Computadores calculam as Mudanças Mínimas Necessárias (MMN) para obter as Máximas Respostas Desejadas (MRD). E os Eternos nunca são afetados, pois estão na Eternidade. Interessante, não é? Mas, em minha opinião, inverossímil. Asimov, no fundo, fugiu do problema, porque, embora ele a defina como imune ao Tempo, o tempo passa na Eternidade. Os acontecimentos se sucedem, pessoas conhecem pessoas, coisas são planejadas, eventos causam outros eventos. Há passado, presente e futuro. Asimov cria Eternos ‘vigiando’ cada Setor da Eternidade, isto é, séculos do Tempo Normal. Mas isso é, a meu ver, absurdo. Acompanhar um tempo é passar o tempo junto. Digamos que um Eterno tivesse, por exemplo, a função de vigiar o século 1000. Após 100 anos esgotaria sua tarefa. Iria voltar ao passado e vigiar tudo de novo? Iria encontrar ele mesmo? O que significa ‘vigiar cada século’, se todos fazem parte de um continuum? Tudo não está ‘acontecendo’ ao mesmo tempo? Asimov criou uma solução que me pareceu inconsistente. Quando o enredo refere-se à Realidade (o Tempo comum) e aos acontecimentos ‘dentro’ da Eternidade, a coisa fica mais coerente e envolvente, mas sem explorar muito os paradoxos. Tem um ‘loop’ interessante quando aparentemente a invenção do Campo Temporal dependeu de ajuda da Eternidade, que, por sua vez, só foi tornada possível pela invenção do Campo Temporal. Tem um Eterno que vai por acidente ao passado longínquo e tem que deixar uma mensagem para ser lida no futuro (como num dos filmes da trilogia *De Volta para o Futuro*). Mas fica a questão: Por que não evitar o problema voltando ao passado e evi-

tando o acidente? Porque, sem explicações, os Eternos não podem viajar no tempo na Eternidade. Mas podem ‘entrar’ e ‘sair’ da Eternidade para a Realidade em qualquer tempo e voltar. Como você pode acompanhar o continuum temporal se você está preso a uma linha imutável de tempo? Como conciliar isso com as viagens no tempo na Realidade paralela à Eternidade? O desfecho – que, obviamente, leva ao Fim da Eternidade – é bem interessante, e descobrimos as causas e conseqüências de todas aquelas modificações da História.

O Bom Doutor foi, ao que eu saiba, o único a conceber esse conceito singular de Eternidade em obras de viagens no tempo. Asimov também introduziu n'*O Fim da Eternidade* um inédito componente de probabilidade no Paradoxo da Alteração da História. Na ‘regra do jogo’ asimoviana, uma alteração do passado poderia não se refletir no presente se fosse ocorrer uma provável posterior correção. Se as coisas ainda estavam no presente como eram antes da alteração, haveria uma probabilidade significativa de que viesse a ocorrer uma nova alteração restauradora, que já estaria fazendo parte do continuum, e por isso a realidade não havia ainda mudado. Só quando a probabilidade caísse abaixo de uma – usando uma expressão de Asimov - ‘grandeza crucial’ é que a alteração seria instantaneamente ‘propagada’ por todo o continuum. Mas não havia garantia. Alguma coisa que você fizesse poderia evitar essa provável reversão da mudança. E isso poderia se dar por uma simples decisão irreversível de fazer ou não fazer alguma coisa. Isso conferiu a *O Fim da Eternidade* um novo tipo de suspense em histórias de viagem no tempo. Na introdução do livro, Asimov também levantou uma questão que normalmente passa despercebida de leitores e escritores de time travel: A viagem no espaço está implícita na viagem no tempo. Pois, de outro modo, como você sempre apareceria na superfície da Terra? Se viajarmos um dia que seja no futuro, mantendo nossa posição fixa no espaço, a Terra já estará longe em sua

órbita em torno do Sol. Vamos nos materializar no vácuo interplanetário? E qualquer mecanismo de 'fixação' da viagem temporal na superfície de nosso planeta implicaria numa instantânea viagem no espaço para cobrir a distância entre a Terra de partida e a Terra de chegada. Como a Terra está em média a cerca de 150 milhões de quilômetros do Sol, se você partisse num verão e chegasse num inverno (pontos opostos da órbita), levaria pouco mais de 16 minutos para vencer a distância do diâmetro orbital terrestre à velocidade da luz (na verdade mais que isso, pois o próprio Sol também tem um movimento em relação ao centro galáctico, e arrasta com ele os planetas - sem levar em conta um possível desvio da trajetória do viajante para não passar por dentro do astro-rei). Mas talvez, para você, a viagem parecesse instantânea, devido à dilatação relativística do tempo que ocorreria no trajeto; e sua máquina do tempo pudesse descontar o tempo consumido na viagem, ajustando automaticamente o tempo selecionado de chegada. E não podemos eliminar a hipótese de que a viagem no tempo possa implicar, como efeito secundário, numa viagem no espaço em velocidade superluminal (afinal, em termos relativísticos, tempo e espaço se fundem num mesmo continuum). Restaria a questão da energia envolvida, mas só podemos especular se a energia necessária para viajar a uma velocidade próxima da luz por 16 minutos, ou mesmo acima dessa velocidade, é maior que a exigida para ser transportado, digamos, mil anos no passado.

Vamos então comentar um pouco a Intempol (Polícia Internacional do Tempo), projeto literário-lúdico-cultural criado por nosso colega do CLFC designer gráfico e escritor de FC Octávio Aragão. De cara temos o prazer de ver uma ironia e humor algo ausentes em Anderson e Asimov (e presente com intensidade em Silverberg). A idéia dos agentes brasileiros da Intempol e a proposta de se ter um Universo Intempol com diversos autores traz uma potencial vivacidade ao franchising intempoliano.

Em "Eu Matei Paulo Rossi" e "Um Museu de Velhas Novidades" os paradoxos também são enfrentados sem medo e com inteligência. A narrativa não linear seduz o leitor e parece mais adequada ao mosaico temporal das histórias (os três autores anteriores são algo lineares nos seus textos). E o estilo policial-irônico de Octávio Aragão funciona muito bem. Um time travel hard boiled. Mas também paradoxos como da Acumulação e Descontinuidade não são notados. O do Deslocamento em Trânsito está lá, mas aparentemente não tem regras muito rígidas. E tem algumas diferenças fundamentais com os autores anteriores: são possíveis viagens ao futuro (embora com 50% de imprecisão pois as linhas de tempo podem estar alteradas); são possíveis os 'Loops de Repetição' (sim, finalmente chegamos a eles, mas vamos esperar mais um pouco antes de dissecá-los); e, a meu ver, uma idéia que me pareceu algo inconsistente, embora instigante: O conceito de 'Prisão dos Homens que Nunca Existiram'. Por que inconsistente? Porque as histórias e o 'Testamento Intempoliano' admitem, como os outros autores analisados neste artigo, o Paradoxo da Alteração ou Correção Retroativa da História e, se esse paradoxo for levado a seu extremo, não haverá qualquer 'sobra' da correção. Os 'homens que nunca existiram' nunca terão existido mesmo. Todas as suas ações e seus efeitos sobre pessoas e objetos se tornariam não-eventos. Se alguém foi criado numa linha alternativa de tempo julgada merecedora de mudança pela Intempol, a correção poderia facilmente se dar num ponto da linha de tempo anterior ao primeiro 'descolamento' e assim matar no nascedouro toda a linha alternativa. Não restaria ninguém para prender. A própria 'Prisão dos Homens que Nunca Existiram' mostra, a meu ver, a mesma incoerência com respeito às correções temporais quando permite fugas de seus prisioneiros. Por quê? Porque, constatada a ausência de um prisioneiro de sua cela entre uma chamada e outra, bastaria aos agentes saltarem no tempo para um momento

anterior à fuga, vigiá-lo e impedir a evasão. Seria muito mais prático que empreender depois uma louca perseguição pelo continuum temporal.

Os agentes da Intempol usam uma pequena máquina registradora e um cartão cronol, semelhante aos bancários. Mais práticos sem dúvida que os veículos transtemporais de Anderson, mas menos seguros que os temporizadores de Silverberg, que não precisavam se separar dos viajantes do tempo nem quando tomavam banho ou exerciam atividades, digamos, eróticas (aliás, Silverberg descreve uma vida sexual intensa dos Correios do Tempo). Os cartões cronais de Octávio Aragão, como os veículos de Anderson, permitem viagens simultâneas no tempo e no espaço, digitando-se na caixa registradora a data e as coordenadas geográficas do destino.

Finalmente, vamos tratar dos Paradoxos dos 'Loops' de Repetição na Intempol. Esses acontecem quando você viaja no tempo não no sentido tradicional, de transporte físico para um outro momento no passado ou no futuro, mas quando você 'revive' um tempo passado, como no filme *Feitiço do Tempo*. Isso ocorre no conto intempoliano Um Museu de Velhas Novidades, quando um fugitivo do tempo consegue um 'contínuo reviver' do dia de ontem através de drogas e os agentes da Intempol vão atrás com seus registradores e cartões cronais. Aí vejo uma inconsistência dos dois universos intertemporais. Como conciliar um continuum temporal onde você viaja fisicamente com uma 'viagem mental' para você mesmo 24 horas antes? Isso parece um pouco mágico. Ainda mais quando admite-se que pode ocorrer por meio de drogas. Não parece que você está forçando todo o universo a reviver esse dia com você? Se não é assim, não se poderia 'esconder-se ontem', pois o tempo continuaria para os outros. O que aconteceria com você após 24 horas? Sua mente voltaria ao corpo de 24 horas antes (mantendo ou não as memórias)? E seu corpo atual? E o dia seguinte? E o que aconteceria para os outros que não tomaram drogas ou usaram os cartões? Iriam

seguir seus 'tempos'? E você? Se desmaterializaria? Ou voltaria com todo mundo a viver o mesmo dia? Isso não dá a impressão que todo continuum está à sua disposição? E também não entendi bem como apareceram no conto aquelas notas de Real das gorjetas dadas ao garçon diariamente durante a longa repetição do 'dia de ontem'. Se tudo voltava 24 horas, incluindo todas as pessoas e coisas, as notas não deveriam também voltar para o bolso de onde haviam saído? Se elas seguiam seus cursos temporais para serem achadas depois, por que não as pessoas e outras coisas? Nesse caso como ficaria o fugitivo 'escondido ontem'?

Mas essa aparente mágica temporal, uma vez que a aceitamos, não prejudica o desenrolar do conto. Como

em o *Feitiço do Tempo*, a trama é eficiente.

Tenho que confessar que essas 'análises de auto-consistência intertemporal' só consegui fazer depois. Na leitura dos contos de Octávio Aragão você não tem - sem trocadilho - tempo de fazê-las. Os diálogos, ações e cenários descritos nos dois contos nos envolvem como um bom policial noir e você vai lendo uma página atrás da outra, ansioso para saber como aquelas situações complicadas vão se resolver. E, vendo por outro ângulo, essa possível falta de rigidez das 'regras do jogo' talvez seja até uma vantagem nos contos e outros projetos da Intempol, desatando as mentes dos autores intempolianos para alçarem vôos mais audazes.

As histórias de viagens no tempo co-

mentadas neste artigo são apenas uma pequena amostra de um vasto sub-gênero que compõe o universo da ficção científica desde o final do século passado, com o pioneiro livro *A Máquina do Tempo*, de H. G. Wells.

Com todos os seus desconcertantes paradoxos, essas histórias continuam sendo as minhas favoritas de FC. Gosto de pensar na idéia de que talvez as viagens no tempo sejam fisicamente possíveis em nível macroscópico, como aparentemente o são em escala subatômica, e que um dia a ciência e a tecnologia humanas possam construir uma verdadeira Máquina do Tempo.

Enquanto isso, contamos com a nossa imaginação para viajar ao passado e ao futuro. Mas todas as grandes realizações da Humanidade não começaram como sonhos?



Era uma daquelas noites típicas de julho, gelada e seca, em que o ar corta os pulmões da gente a cada respiração. O céu estava tão estrelado que a lua, nova por essa época, nem fazia falta; daria para ler um jornal só com a luz das estrelas, se os jornais chegassem naquelas lonjuras. O inverno tinha calado os grilos e espantado para terras mais quentes quase todas as aves noturnas. A paisagem parecia ter sido mergulhada em algum líquido conservante escuro e frio, e parecia que ia ficar assim para sempre, imóvel, silenciosa e sem vida.

É em noites como aquela que a gente não só se sente inclinado a acreditar em discos voadores como tem a sensação de que seria um desperdício se não existissem visitantes alienígenas.

Ela foi acordada por um fecho de luz que vinha lá de fora através da janela da sala e, passando pela porta de comunicação, iluminava todo o pequeno hall para o qual se abriam os quartos e o banheiro.

Um raio de luz branca, poderoso, que se movia para os lados, para cima e para baixo, examinando tudo e procurando algo.

Ela se arrepiou inteira.

Pensou em cenas dos filmes que tinha vistos às dúzias, na tevê por satélite, desde que viera de tão longe para se instalar neste lugar pequeno e ermo, em busca de algum sossego. Cenas de dar medo, claro que eram ficção, mas deviam ser baseadas em alguma realidade.

Ela se levantou da cama quentinha e arriscou um olho pela porta que dava para a sala. Não conseguia ver nada por causa da luz, que passeava pela sala inspecionando móveis e paredes.

Ouviu vozes lá fora. Eram dois, e de vez em quando trocavam alguma idéia incompreensível em voz baixa.

Ela fechou os olhos, pensou por uns instantes no que devia fazer naquela situação e chegou a uma conclusão. Preparou-se com cuidado, com pressa mas com perfeição, e assim que se sentiu pronta, com dois passos penetrou no fecho de luz.

Alguém lá fora se engasgou de espanto quando aquela louraça belzebu completamente nua foi iluminada em cheio e em todos os seus generosos detalhes.

A luz se apagou de repente.

Quase ao mesmo tempo, um outro raio atravessou a janela da sala. Desta vez, de dentro para fora. Bem mais violento que um fecho de luz. Um raio que fundiu os vidros e que transformou em cinzas, no ato, os dois ladrões pé de chinelo e seu silibim de bateria de moto.

Ela deu um suspiro de alívio. Agora talvez terminasse a onda de roubos a sítios naquela região que, fora isso, era tão tranqüila.

De volta para a cama, ela se espreguiçou, relaxou a musculatura e deixou-se voltar ao normal. Aninhou entre as cobertas ainda quentes todo o corpo extremamente plástico. O grande pé deslizante, a volumosa massa visceral e os dez tentáculos, tanto os oito dos olhos quanto os dois que produziam raios. Mudar de forma assim de repente dava uma canseira...

Amanhã dou um pulo na cidade e compro vidros novos, pensou enquanto mergulhava devagar em um sono gostoso.

Martha Argel é bióloga, paulistana e sócia do CLFC. Acaba de debutar editorialmente com o livro virtual Contos Improváveis, editado pela VBS - Virtual Book Store. O volume encontra-se a disposição na URL <www.virtualbookstore.com.br>.



Despertou por causa das pontadas de dor-de-cabeça e à princípio não soube muito bem onde estava. Parecia o próprio quarto, mas alguém havia mudado tudo de lugar. Em seguida se deu conta de que dormira com corpo virado e a cabeça no lugar dos pés.

Um pouco mais tarde, descobriu que a dor-de-cabeça era um eco surdo dos golpes que alguém assentava na porta da frente. Quando os golpes paravam, a dor fazia uma pausa, mas então alguém gritava o seu nome e a pontada voltava com força.

Sentou-se devagar e teve de esperar o mundo parar de dar voltas. Depois levantou-se trôpego e atravessou a pequena sala, consciente que navegava entre os destroços da noite anterior. E pensar que não passara das onze e meia!

Bem, muito bem. O dia começava de maravilha!

—Seu Dimas! Seu... oh, desculpe se o acordei.

—O que a senhora quer, dona Emengarda?

A velhota do andar de cima entrou no apartamento e lançou um olhar furimbundo pelas garrafas de uísque sobre a mesa, sobre várias fotografias rasgadas com sanha e uns quantos rotuladores destapados atirados pelo chão, sobre o sofá e as almofadas. Dimas se deu conta de que a almofada de crochê azul que sua mãe lhe dera no aniversário tinha agora uma mancha enorme, indistigável e vermelha bem no meio do tramado de linha.

—Vejo que teve uma festa ontem... normal, né? O engraçado é que não ouvi nada. O senhor sempre faz tanto ruído com a sua... a sua música.

Debruçou-se sobre ele e o cheiro do perfume doce o invadiu numa onda nauseabunda.

—Agora eu volto, — ele conseguiu resmungar e voou para o banheiro.

Quando voltou, a cabeça doía o dobro num compasso sincopado, mas estava mais clara. A velhota tomara conta da cozinha e preparava um café na velha cafeteira que necessitava um bico de gás para funcionar, e que ele guardava por carinho ao pai. Sentiu-se humilhado pela bateria de pratos sujos, panelas por lavar e copos que repousavam na máquina de lavar-louça. O cheiro que vinha dali era absurdamente podre e ele bateu a porta com raiva, sentindo o mau-humor voltar em dobro.

—Posso saber o que a senhora quer, dona Emengarda? — perguntou, ríspido. A velhota voltou-lhe uns olhos pequeninos e brilhantes que encolhiam ainda mais atrás dos óculos caros. Arregalou-os e a boquinha pequena, pintada de rosa, se abriu num “oh”, bem redondo.

—O senhor não sabe?

—Saber o quê?

—O senhor não está ouvindo?

Em vez de ouvir, Dimas olhou para o rádio. Estava desligado. Depois fez um pequeno esforço, que no momento se assemelhou ao que devia fazer Atlas ao levar a abóbada celeste.

Havia um silêncio profundo dominando tudo. Muito distante ouviu uma sirena, mas isso foi tudo.

—Falta luz? — perguntou. E em seguida, lembrando-se de algo: —Que horas são?

—Doze e vinte.

—Droga!

Tinha um encontro à uma hora com Luíza e ainda tinha que tomar banho, atravessar a cidade e se por cara de bom humor. Saiu tropeçando pela sala, enquanto a velhota o seguia falando, falando, como um rádio que a gente põe só para parecer que tem companhia. Daqui a pouco ela vai cantar a música do noticiário, era só o que faltava, pensou enquanto chutava as fotos, buscando os sapatos que estavam debaixo do sofá.

Estavam ali, cheios de pedaços do que ele pensava que tinha sido a sua vida, até André entrar pela porta e contar tudo: Luíza e Marcelo.

A cabeça rodou feito uma bola de futebol quando alguém chuta o pênalti e ele gemeu, caindo de joelhos.

Não fora difícil terminar com as duas garrafas de uísque que tinha no bar. O difícil mesmo fora conseguir engolir tudo aquilo. Destroçar aquelas pequenas janelas de felicidade, planas e irreais. Rasgar em quatro partes aquela Luíza que só existia naquelas fotos, na do piquenique, na da festa de aniversário da irmã, na do acampamento, tocando violão, acendendo um cigarro, rindo à toa, com chapéu, sem sapatos, com aquela blusa amarela e feia, com a camisa aberta até a cintura. A verdadeira Luíza era outra. Não sabia quem era. Não sabia o que fazia, o que gostava de fazer. Não estava presente quando ele precisava dela, sempre tinha trabalho, as feiras, os festivais, e tome reuniões e festas às quais ele não estava convidado porque não era vendedor de carros, era só o tipo que os desenhava.

Olhou para o relógio digital sobre a mesinha ao lado da TV-vídeo e piscou atordoado ao vê-lo negro e ao vislumbrar o que restara do disquete onde guardava as fotos.

—Ah, o senhor também tem um desses? A minha filha me deu um fazem uns anos, mas eu não uso, sabe, essas

coisas só consomem energia elétrica. Eu prefiro o despertador que o meu pai me deu quando eu me casei, no 53.

Dimas olhou a velha como se ela fosse uma marciana.

—Afinal, dona Emengarda o que a senhora está fazendo aqui?

—Oh, Deus meu, o café! — fez ela, e correu para a cozinha.

Tentando não abaixar muito a cabeça, caçou os sapatos e levantou-se trôpego. Abriu o chuveiro e enquanto esperava a água esquentar, ia agarrando roupa para pôr.

—Se eu fosse o senhor, não faria isso, — resmungou a velhota parada no meio da porta, olhando para a ducha como se fosse saltar em cima dela.

—E por quê? — ele passou por ela sem o menor interesse na resposta.

—O café está pronto, — replicou dona Emengarda, e a porta se fechou na sua cara. Quase em seguida, ouviu um grito. Bateu de leve na porta, assustada.

—Seu Dimas, o senhor está bem?

—Que m... que droga! Podia ter me avisado que não há eletricidade! — ele gritou lá de dentro.

—Pensei que o senhor tivesse se dado conta — ela resmungou dando de ombros. Tinha certeza de que falara no tom exato para que ele soubesse que tinha falado, mas não entendesse o que dissera. Trinta anos de casada ensinam muitas coisas à uma mulher, por melhor que ela seja e por mais agradável que seja o marido.

Dimas apareceu envolto na toalha. Na verdade, reconheceu, querer tomar banho quente em pleno verão era luxo, mas ele era assim mesmo. Água quente, comida do dia, roupa boa. Passara uma infância cheia de dificuldades econômicas e agora que podia dar-se ao luxo de coisas de qualidade, não pensava em abrir mão delas.

—A senhora pode me dizer o que...

Uma freada brusca, um buzinaço e o estrondo final, cortaram a frase pelo meio. Os dois se aproximaram da janela, desde onde se via uma das esquinas mais movimentadas do subúrbio, liderada por uma sinaleira que, no momento, tinha todas as luzes acesas. Os dois motoristas saíram de seus respectivos carros e começaram a discutir.

—Outro. Pobrezinho, — suspirou a velhota, mas era difícil dizer de que lado estava. Um pouco mais adiante se viam três carros incrustados uns nos outros.

—Mas que diabos passa, afinal de contas?!

Dona Emengarda pôs em suas mãos uma xícara de café forte e fumegante, que cheirava à manhã, e cruzou os braços.

—Não temos energia elétrica. Não temos telefone, nem televisão, nem rádio. Suponho que a água terminará em pouco tempo, e não vai adiantar ir ao caixa automático.

Dimas enrugou a testa.

—O que significa que não temos elevador, como poderá imaginar. Se quiser sair, terá de baixar os nove andares à pé. Mais isso? Nunca chegaria à tempo!

—Mer... Droga! Droga! E isso que ainda tenho de pôr gasolina no carro.

—Espero que os postos estejam abertos. Afinal, hoje é feriado, — observou ela, voltando para a sala. —Mas que baderna, hem?

—O que a senhora veio fazer aqui? Ver a decoração da minha casa?

—Não, eu só achei que o senhor poderia me explicar o que está acontecendo.

—Como é que eu...

—Oh, é por causa daquele livro que o senhor publicou em 97.

Dimas torceu o nariz. Aquela estupidez, de novo?

—Foi no 98.

—Ou isso. Eu sempre me confundo com as datas. Já sabe, né? A idade, o Alzheimer... estou em tratamento, os médicos dizem que estou sob controle e que a doença tende a remeter, mas nós sabemos que isso não tem cura. Faça parte do PEA, sabia?

O engenheiro fitou estranhado a soberba encarnada em gente que tinha diante de si.

—O quê?!!

—PEA. Programa Experimental de Alzheimer. Os médicos experimentam tratamentos na gente, sabe? Disseram que nosso grupo está apresentando resultados que revolucionarão o tratamento da doença, inclusive chegarão a prevenir a velhice. Mas eu acho que vão nos transformar em zumbis, como naquele seriado da TV...

Ela parecia... parecia... uma mutação biológica, pensou Dimas. Fez uma careta.

—Dona Emengarda...

—O quê? Ah, a coisa essa da luz. Eu estava dizendo... como o senhor é um homem tão inteligente que faz carros e escreveu aquele livro de marcianos, que poderia me explicar tudo sobre...

Fez uma pausa.

—Sobre o quê?

—Sobre a invasão, — cochichou a velhota, olhando sobre os ombros. —Estamos sendo invadidos o senhor não se dá conta? Não temos eletricidade, as sinaleiras não funcionam, e é possível que comecem a racionar a água! É um

estado de guerra, não entende? Já tomaram até as rádios e a TV! Devem ser marcianos como naquele filme que a minha filha gostava, como era? Vinham umas naves imensas que explodiam a tudo, tudo, no meio de uma festa. O senhor não se dá conta? Ontem havia a festa, a Grande Festa e hoje, hoje...

—Chega, dona Emengarda! Caduquice tem hora. Saia daqui. Saia daqui porque eu tenho mais o que fazer, certo?

Empurrou a velha com muito pouca educação e voou para o banheiro. Terminou de se arrumar em tempo recorde, consultando o relógio de pulso à cada cinco minutos. Ah, o que ia dizer para aquela cretina! Ia chamar ela de puta para baixo! Ia botar os pingos nos “is”! Talvez lhe desse uma surra, ela bem que merecia!

Foi baixando as escadas e falando sozinho. Lhe daria um par de bofetadas e telefonaria para Angela, sua melhor amiga. Iam sair juntos e então Luíza saberia o que significa que te traiam. Que te amaldiçoem com o dom da saudade. Do desejo desesperado. Da humilhação.

Que telefonar, Dimas? A velhota não disse que os telefones não funcionam?

O botão que abria a porta de acesso à garagem se negou a funcionar e ele chutou a folha com um par de palavrões. Depois encontrou a chave manual e abriu a fechadura. Entrou no carro e o pôs em marcha, enquanto se imaginava magnânimo, encontrando-se com Luíza e dizendo, ao estilo de Bogarth, que ele já estava farto da sua cara. Depois apagava o cigarro na mesa passando entre os dedos da mão dela, perto suficiente para que soubesse que poderia feri-la, mas sem tocar em nenhum centímetro daquela pele que amava, que cheirava a alfazema e que estremecia quando a colhia em seus braços.

—Merda! Parei de fumar!

Teve de baixar outra vez junto à porta da garagem para abri-la. A luz do sol divino, sol de verão, iluminou-o de cheio. Pegou o celular e tentou fazer uma chamada. Nada, parecia tão mudo quanto o sorriso de Luíza nas fotos. Aquele sorriso, aquela boca. Aqueles beijos, ah, Deus, quando ela dizia que o desejava, quando abraçava e o enchia com seu riso e sua voz, e todas as palavras que ficavam entre eles sem serem ditas... quem ia dizê-las agora? Quem poderia ouvi-las?

Parou na esquina, sem ver nada senão o vazio de Luíza.

Luíza já não estaria ali ao seu lado. Nunca mais. Atravessaria a cidade e diria que ela não valia nem mesmo o pão que o diabo amassa diariamente para dar de comer aos miseráveis como ele. Ela o fizera miserável. Ela. Ela!

O Fiat último tipo arrancou junto à esquina, cantando os pneus, enquanto os motoristas envolvidos no acidente tentavam inutilmente chamar a polícia desde um dos orelhões mais próximos.

Na altura do Menino Deus, ligou o rádio e procurou desesperadamente uma estação. Queria parar de pensar nela, queria parar de lembrar tudo o que lhe dissera André. Uma parte de seu cérebro captava um movimento estranho pelas ruas, mas não chegava a dar-se conta, realmente, do que passava. Havia muitas lojas que pareciam abertas, mas como não havia eletricidade, não podia ouvir os alarmes que deveriam estar soando. Perto do colégio do Rosário a polícia tinha feito um desvio para os motoristas, mantendo a avenida que levava aos hospitais aberta para o tráfego rápido. Estavam armados até os dentes. Perto dali, pessoas vagavam como que sem destino. Muitas delas seguiram o Fiat com um olhar cheio de cobiça, mas ninguém fez um esforço para chegar até ele.

Não perdes por esperar, bagual!

Viu o engarrafamento à tempo para evitá-lo. Consultou o relógio. 12:56, marcavam os números. Decidiu deixar o carro ali, e terminar o trajeto à pé. A gasolina ia para o fim, mesmo, e não ia ter tempo de procurar um posto. Se se metesse no engarrafamento, poderia levar vinte minutos. Se fosse à pé, podia levar só dez. Não havia o que pensar. Conseguiu meter-se no estacionamento da universidade e lhe estranhou a concentração de gente que havia às portas dela, mas com o tempo que não tinha, decidiu deixar para ler as notícias do grande black-out para mais tarde. Há quanto tempo não passava algo parecido? Ah, sim, houvera um no começo do ano, queria dizer, do ano passado. Um grupo de meninos de rua passou por ele correndo com uma TV e um micro-ondas. Ele olhou para o outro lado da rua e viu uma vitrine quebrada e os manequins nus rolando pela calçada como se fossem gente destroçada. Ouviu a sirena, pensou que era a polícia, mas logo não viu nada. Subiu a ladeira que levava ao viaduto e uma vez ali, venceu apressado as quadras que o separava do MARGS. Ali assim, pensou, um pouco longe, mas ali assim. Deu-se conta das vitrinas vazias que o espreitavam de suas covas escurecidas. Às vezes alguns vultos se moviam lá dentro, levando seu sentido de sobrevivência a impor-se rapidamente à dor da traição e quando passou perto de um espelho destroçado, sentiu-se aliviado ao ver que não vestia mais do que um jeans velho e uma camiseta barata.

O zunido deixou-se fazer ouvir quando estava no alto do viaduto. Deu-se conta que um prédio ardia e que havia uma pequena multidão reunida junto dele. O caminhão de bombeiros estava ali e numa das janelas mais altas, uma mulher gritava desesperada, envolta em fumaça, com uma criança nos braços. Dimas parou estarelecido. Dois bombeiros saíram correndo do prédio e se ouviu uma explosão na planta baixa, seguida de labaredas. A multidão gritou e ondulou, mas ninguém se moveu realmente, os olhos presos no alto do prédio. Havia um bombeiro parado no alto da escada, com a mangueira broxa nas mãos, soluçando como uma criança. Um pedaço da escada estava no chão, com um corpo vestindo farda ao lado. A mulher gritava, e o bebê chorava baixinho. O bombeiro não se movia. Parecia uma das suas fotos rotas.

Então se ouviu uma explosão distante. A mulher arremessou o bebê e em seguida seu corpo foi envolto em chamas

e ardeu, morte pública e notória, no centro da cidade. O bebê esvoaçou e caiu, caiu, caiu infinitamente, os bombeiros em terra estenderam a rede de segurança. Colheram o fardo, mas quando um deles se aproximou para ver se estava bem, tudo o que fez foi tirar o capacete e passar mãos desesperadas pelo rosto suado. Não era preciso ver para saber.

Um grito uníssono se elevou da multidão e algumas pessoas se lançaram contra o carro de bombeiros cheias de ódio. Foi preciso rapidamente para conseguir tirá-lo dali, antes que o destroçassem. No alto do prédio, a mulher morta ardia em pé, como um milagre mal-feito.

A multidão começou a se dispersar em grupos, alguns mais apressados, em busca de água, outros mais reflexivos, em busca de ajuda, mas ninguém sabia onde podia encontrá-las. Um velho recolheu o fardo que os bombeiros tinham tentado manter com vida e dobrou-se sobre ele chorando. Os comentários passaram por Dimas na brisa que seguia a gente, uma brisa mal-cheirosa e húmida, cheia de inquietude e medo.

Ouviu dizer que não havia carros de bombeiro suficientes para atender à todos os problemas que apareciam na cidade. Ouviu que não havia água. Ou que a água não tinha suficiente pressão, o que no caso, era dizer o mesmo. Alguém falou que os computadores que regulavam o fornecimento de água tinham entrado em pane. Outro comentou que ainda existiam as boas e velhas bombas manuais, ou comportas ou o que seja, por que ninguém usava uma dessas?

Dimas recuou alguns passos e voltou a andar em direção centro. De repente, começou a pensar urgentemente em Luíza, na traição e no que lhe diria. Em cada palavra. Em cada ponto e vírgula. Alguma coisa estava muito errada no mundo, podia sentir, mas dava igual, porque lhe diria tudo aquilo que estava pensando, mesmo que o que estivesse pensando desse para escrever um romance só de queixas. E quem sabe assim se livrava daquela sensação de catástrofe, pois teria de se concentrar em tomar-lhe a mão e dizer que a perdoava, e fazer com que jurasse que nunca mais o trairia. E depois se amariam no hall do MARGS mesmo, porque não? O amor também é arte e começava a duvidar que houvesse alguém para apreciar o espetáculo. E depois...

Depois chegou ao centro de Porto Alegre e parou, horrorizado.

Jamais vira tanta gente naquele ponto, mesmo sabendo que era o coração da cidade. Havia gente que se dedicava à quebrar o que sobrava das vitrines, e outros que ainda conseguiam encontrar artigos dentro das lojas. O centro da avenida estava tomada por um gigantesco mercado. Todos os artigos que antes tinham estado dentro dos comércios, estavam ali, agora, e eram vendidos entre gente de baixa posição social, que em geral mal tinha coragem de passar diante das câmaras que vigiavam o centro. CDs e roupa de seda. Jóias da H. Stern, junto com relógios e caixas de música vindas de Taiwan. Roupas do último tipo. Sapatos. Bolsas de couro. Viu, inclusive, umas proibidas botas de couro de jacaré. Computadores, TVs, aparelhos de som. Ao lado de cada artigo, caprichosamente colocado, um desenhado bilhete com um número escrito à mão, geralmente em vermelho. Andou durante algum tempo, antes de se dar conta que ali se comprava e vendia, e que os números eram o preço. Eram tão baixos, que de repente se pôs a rir. Então veio uma menina desdentada e entregou um feixe de bilhetes à um senhor armado com um 42 carregado, e levou consigo, toda contente, um casaco de couro, bem abrigadinho para o inverno.

Dimas sentiu que ia começar a gritar de um momento à outro. Dinheiro era algo que ele usava para comprar cigarro. Se queria alguma coisa importante, brandia o cartão de crédito. Cada vez mais ia às lojas como quem vai de passeio turístico. Se via algo que queria, sacava o Economic Express, ou o Cartão Dourado, ou o Faixa Verde da carteira e sem problema. Simples, fácil, limpo. E se lhe roubavam a carteira, dava no mesmo. Uma conectada via rede com os bancos e só depois é que pensava se valia a pena acudir à polícia. Geralmente não valia, claro. Seria capaz de jurar que a esmagadora maioria daquela gente ávida e subitamente alegre com a virada dos acontecimentos, aquela gente sofrida que levava de repente uma chispa de esperança no olhar como quem diz “esta é a minha chance, talvez a única!”, aquela gente não tinha a menor idéia do que era o mundo moderno ao que ele pertencia. Era claramente sintomático que os computadores portáteis da última geração estivessem à metade do preço pedido por um bom endredom de casal.

Ficou olhando o mercado surrealista como quem se mete no pesadelo alheio. Talvez o pesadelo do dono da botique da esquina, quem sabe?

“O que estou fazendo aqui, meu Deus do Céu?”

Levantou a cabeça e olhou para um dos grandes termômetros-relógio enegrecido e mudo, onde alguém pixara:

“Felis Ano Novo”

De repente compreendeu. Gritou de susto, de horror. O homem do 42 olhou feio para ele.

—Ô meu, não fica fazendo baderna aqui não, que essa zona é minha e é uma zona de respeito, sacou?

Dimas não respondeu. Correu como se ele fosse o diabo, como se algo o perseguisse, talvez o silêncio dos bairros mais afastados, profundo, implacável, o faminto silêncio das redes desertas. Correu pela Rua da Praia, gritando, depois parou junto à velha banca de jornais na esquina da Praça da Alfândega e começou a rir antes de segurar a própria boca, com medo de ficar louco, como se as palavras e o riso e o choro fossem o carro que conduz a loucura, como se a loucura fosse algo palpável como a boca e os dentes e a língua que mordeu até sentir gosto de sangue, para ver se a dor conseguia devolver-lhe a sanidade. Sentiu-se um pouco mais calmo e respirou fundo.

Pôs se a andar devagar em direção ao MARGS mesmo sabendo que ia estar fechado e que Luíza não ia estar ali. Sentou-se nos degraus vazios sobre os quais às vezes pousavam as pombas, ao seu redor. Imaginou o que podia ser o

aeroporto com os computadores entrando em pane e estremeceu. Depois pensou nos hospitais, na Telefônica e nas universidades. Pensou nos campos de futebol, no caos bancário da segunda-feira e deu-se conta de que levaria tempo para que houvesse uma segunda-feira como antes, outra vez. Riu um pouco, pensando na cara do gerente de produção da fábrica e raciocinou que nem todos os computadores seriam afetados pelo novo ano. Que alguns estariam preparados contra a mudança do calendário e aceitariam os dois “0” como outro número qualquer. Mas já se via que algumas das máquinas mais importantes não tinham sido convertidas à tempo. Pensou que, afinal de contas, não era tão anormal: a conversão era cara e tinha coisas que sempre eram deixadas para a última hora, quando já era muito tarde. Todo mundo sabia como funcionavam os processos governamentais. Além disso, era de se esperar que muitos vírus “adormecidos” em sua instalação, talvez vários anos antes, estivessem despertados, agora, fazendo todo o trabalho sujo que lhes competia fazer.

Olhou ao redor e ouviu o burburinho que vinha da rua da Praia e de seu mercado de miseráveis que não usavam Economic Express. De repente, compreendeu que o miserável, no momento, era ele que só levava uns quantos cartõezinhos de plástico que não deviam servir para muito. Não tinha dinheiro, provavelmente já teriam arreventado seu carro e teria de atravessar toda a cidade à pé se queria voltar para casa. Ouviu um alto-falante, depois várias sirenes e supôs que a polícia conseguira, em fim, se organizar. Depois ouviu tiros e uma pequena explosão. Então passos, em todas as direções, e gritos, como se a cidade mesma andasse e gritasse e rompesse o silêncio que a violava. Grupos de jovens começaram a passar correndo em direção ao Mercado Municipal e ao rio, carregados de mercadoria e seguidos de alguns policiais que disparavam em tudo o que se movia. Dimas não se moveu, em pânico, e por isso não o viram.

—Aqui está ele, sim senhor, — conseguiu murmurar, quando a turba passou. — Primeiro de janeiro do ano 2000. Teve gente que disse que não ia chegar.

E agora, Dimas?

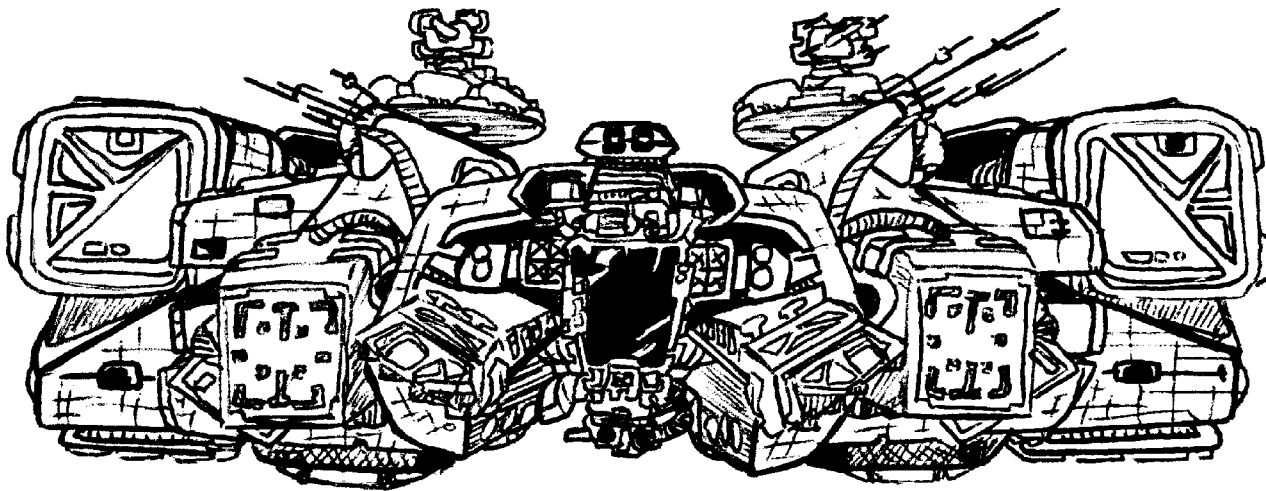
—E depois tinha gente como eu, — resmungou para si mesmo — que achava que o Apocalipse ia ser uma guerra nuclear ou uma desgraça ecológica.

Pois, não, nem uma coisa, nem outra, senão muito antes pelo contrário. Bastara uma simples novidade numérica para que os computadores se confundissem. Para eles o ano 2000 era como um mistério, um paradoxo, só porque não sabiam explicar à si mesmos como era chegar ao final e seguir, sem voltar ao começo, terminar a página e continuar escrevendo numa folha em branco, tentar de novo com outro óvulo infecundo, descobrir, no final da jornada, o que vêm antes do princípio de tudo, a ausência absoluta, a semente de todas as possibilidades —e seguir adiante. E enquanto as máquinas se perdiam nesse estúpido conflito, sumindo-se horrorizadas em suas entranhas de silício e plástico, regressando a um ano ao que não podiam regressar porque não haviam existido então, enquanto, quem sabe, buscavam a Grande Resposta para a sua Grande Pergunta, cortavam abastecimentos de água e luz aleatoriamente, levavam as sinaleiras ao mundo da Lua e só Deus sabia o que estavam fazendo com o resto das coisas que comandavam cotidianamente. Não, riu Dimas, os computadores não sabiam somar até o Infinito, não sabiam continuar, quando tudo termina, precisavam voltar atrás. Só os homens eram capazes de prosseguir depois de chegar ao último número.

E, em cima, Luíza não estava!

Então olhou para baixo e, com o coração à ponto de estalar, viu que ela chegara ao pé dos degraus no rastro dos policiais. Bastou um segundo para que se desse conta, aliviado, que ela parecia bem, que estava ofegante e seguia sendo Luíza. Ela tirou as meias caras arreventadas na altura dos pés descalços num movimento muito rápido, e o vestido em frangalhos estremeceu ao seu redor, a bolsa bêbada pendendo por uma única tira.

E então, e apesar de tudo —da culpa e do fim-do-mundo—, levantou os olhos para ele e sorriu cheia de doçura e promessas, como só o alvorecer e a mulher amada sabem fazê-lo.



O Listserver do CLFC é um fórum aberto de debates sobre FC, fantasia e horror, em português, via e-mail, na Internet. Um serviço gratuito, promovido pelo CLFC e coordenado por Gerson Lodi-Ribeiro, disponível para todos os sócios e não-sócios do Clube. Para ingressar na lista basta mandar uma mensagem vazia para: <lista-do-clfc-subscribe@egroups.com>. Todas as mensagens enviadas para a lista são automaticamente ecoadas para cada participante inscrito. A seguir, algumas das centenas de mensagens remetidas ao longo dos últimos meses..

Notas de auxílio à leitura:

Por uma questão de incompatibilidade entre computadores dos usuários, recomenda-se aos participantes dos listservers em geral que não utilizem acentuações, intraduzíveis por alguns sistemas operacionais. As mensagens estão mantidas conforme foram remetidas (alguns missivistas não observaram a norma). Algumas mensagens foram reduzidas, por motivo de espaço, sem alterar o seu conteúdo. Na medida do possível os autores das mensagens estão identificados.

Subject: Song of Kali

Os senhores da Clássica resolveram estragar-me a capa, dando à Kali CINCO braços em vez de QUATRO.

Barreiros, sabes tanto quanto eu que não há limites para a inventividade-às-avessas desse pessoal. Decerto em tuas vastas estantes possuis centenas de paperbacks americanos de FC e Fantasia em cujas capas aparecem espaçonaves, discos voadores, astronautas e alienígenas que nada têm a ver com a história lá dentro.

Causo

É verdade, mas doi mais quando o caso se passa directamente conosco...Numa recente troca de Emails com a escritora Patricia Anthony, ela contou-me uma de morte sobre capas. Tendo o editor da Bean books um desenho com um indivíduo vestido com uma capa, e não havendo ninguém assim no livro onde ele a pretendia colocar, resolveu sem mais nem menos e sem pedir permissão ao autor, alterar-lhe o texto, vestir o herói com uma capa, para assim ficar de acordo com a ilustração original... Sigh...

Barreiros

Subject: Dan Simmons

... Considero CARRION CONFORT do ... Dan Simmons o melhor livro de Horror de sempre. É um verdadeiro monumento, abarbatou todos os prémios, é simplesmente inesquecível, e tão cedo, acho eu, ninguém conseguirá fazer igual... Concordas?

Barreiros

Não li CARRION COMFORT, intimidado pela mera voluminidade da Coisa! Pela mesma razão prevejo que nunca lerei outros volumes que há anos me contemplam, pacientes, na prateleira: DHALGREN, STAND ON ZANZIBAR, NEVERNESS, GORMENGHAST...

Causo

O teu velho tio ajuda...

DHALGREN li quando andava na faculdade, por teimosia e grande esforço. É absolutamente incompreensível e circular. Julgo eu que o Delaney andou a gozar connosco. Dispenso. Podes saltar por cima.

STAND ON ZANZIBAR embora um pouco datado é genial e, por muito estranho que pareça (devido ao estilo das primeiras páginas um tanto à moda do John dos Passos) o ritmo é frenético. É mesmo uma boa aventura de um espião ultramelhorado às voltas com um país do terceiro mundo onde misteriosamente nunca houve guerras ou conflitos. Aguenta as primeiras vinte páginas. Depois não vais conseguir largar.

NEVERNESS — Ok. Um space opera metafísico com mais três sequelas. Belo estilo, belas imagens, uma visão ultra realista da vida quotidiana entre uma tribo de Nehenderdais, mas...Para ler devagarinho...

GORMANGHAST — Para quem detesta Tolkien. Uma fantasia épica no interior de um castelo tamanho de uma montanha, cheio de personagens delirantes e uma sucessão de homicídios pelos de imaginação...Vais gostar? Eu adorei. A minha memória enche-se de imagens do titus groan e do seu inimigo Steerpike. Mas é como te digo. Não existe conciliação alguma com o universo tolkieniano. Ou um ou outro. Boas do tio Barreiros

Subject: Os Parasitas de Wilson

Colin Wilson, especificamente, é um autor com quem não tenho a menor paciência. Quase tudo que já li dele não passava de masturbação ególatra (se é que existe outro tipo...). Achei "Parasitas..." um livro chatíssimo e, como o Marcello notou, com um final pra lá de mambembe. Dele tbém li Vampiros do Espaço (idem, legalzinho até certo ponto, de repente vira panfleto pró-poderes da mente — que nem "Parasitas...", BTW). Também tentei ler um livro dele sobre um serial killer (em cuja introdução, egotrip definitiva, ele diz que "A Sangue Frio", de Truman Capote, é uma fraude, e que o livro DELE é o verdadeiro romance-reportagem...)

Carlos Orsi Martinho

Nesse ponto divergimos um pouco, Carlos. Apesar do indiscutível Ego Monumental, Colin Wilson é um dos meus escritores preferidos. A FC dele não é boa: uma porção de ideias fascinantes com uma roupagem ficcional precária. Gosto de alguns trechos de *Vampiros do Espaço* e da primeira metade dos *Parasitas da Mente* (o final deste, com os caras fazendo a Lua "virar de costas" pela simples força

mental, é risível). Mas os ensaios dele são magníficos, pela simples razão de que Wilson tem uma espantosa cultura que vai do mais erudito ao mais popularesco, e sempre encontra exemplos fascinantes para corroborar suas teorias. Muita gente torce o nariz diante de livros como *O Oculto* (2 vols., ed. Francisco Alves) e de sua continuação *Mysteries* (não editado no Brasil), mas eu acho explorações fascinantes de temas como magia, satanismo, licantropia, bruxas, etc.; Wilson acredita que estados alterados de consciência podem influir na matéria, e isso é a base para suas investigações do sobrenatural.

Com a ressalva de que li muito pouca coisa de Freud, considero *Origins of the Sexual Impulse* de Wilson uma das melhores coisas já escritas sobre sexo. A tese dele é de que tesão é uma coisa mental e o corpo é um mero veículo, o que o leva a colocar no mesmo saco (corretamente) serial-killers, pervertidos sexuais e gente comum como nosotros. Os romances policiais dele são infinitamente superiores à sua FC: *Ritual in the Dark*, *A Gaiola de Vidro* e *O Matador* (ed. José Olympio) são estudos fascinantes, indispensáveis para quem quiser entender a psicologia de um serial killer.

Wilson é muito perseguido, principalmente na Inglaterra, porque escreve compulsivamente (eu diria que em termos editoriais ele é o Asimov britânico) e tudo que ele escreve vende como água. Mas *O Outsider* (ed. Max Limonad, se não me engano) é um clássico dos anos 50, e lançou a teoria central da obra de Wilson: a de que a sociedade formata nossa mente para ser socialmente útil, e com isso sacrifica 90% das suas potencialidades; os outsiders são indivíduos que se rebelam contra essa formatação e tornam-se gênios-loucos como Van Gogh, Artaud, Reich ou Nijinski, neuróticos como Kafka ou Lawrence da Arábia, ou serial killers. Eu concordo. Concordo com as observações do Marcello quanto aos *Parasitas*, onde CW usa a *força maléfica* dessas criaturas para explicar os crimes, guerras e loucuras da humanidade (creio que Doris Lessing faz algo semelhante na série *Canopus*). Os exageros infantis da parte final do livro talvez se devam a uma leitura errada que CW faz da FC — ele acha que qualquer absurdo pulp é possível, mesmo numa novela com discussões filosóficas de alto nível. (Parece um pouco com o que Kingsley Amis faz num conto onde um dos astronautas de uma nave, sem nenhum motivo lógico, tem duas cabeças).

Braulio Tavares

Subject: Stefan Wul

A maior parte da produção de Wul foi escrita em apenas três anos, de 1956 a 1959, quando ele escreveu 11 romances! Todos os mais conhecidos dele, publicados pela Argonauta. Para ser preciso na informação, de acordo com *The Encyclopedia of SF* do John Clute & Peter Nicholls (1993), ele *publicou* 11 livros em três anos, mas segundo o livro francês *Le Maîtres de la Science Fiction*, de Lorris Murail (1993) ele *escreveu* mesmo os livros no período. Fica a dúvida, embora ache mais lógico que ele tenha mesmo *publicado* do que *escrito*. Enfim...

Mais informações sobre ele: Stefan Wul é um pseudônimo de Pierre Pairault e nasceu em 1922.

Para quem quiser sair à caça nos sebos, seus livros em língua portuguesa são:

- = Armadilha em Zarkass (Arg. 90);
- = A Cadeia das 7 (Tecnoprint), também como O Império dos Mutantes (Arg. 107);
- = Cativo Humano (Tridente - esse alguém leu?);
- = Degelo em 2157 (Arg. 76);
- = Missão em Sidar (Arg. 72);
- = O Mundo dos Draags (Arg. 64);
- = Pré-História do Futuro (Arg. 56);
- = Regresso a "0" (Círculo de Leitores e pela Novaera) e como Regresso a Zero (Arg. 54);
- = O Templo do Passado (Arg. 85)
- = O Vagabundo das Estrelas (Arg. 60).

Divirtam-se!

Marcello.

Subject: Balcans, guerras e Robots

Bem, ficando na FC, quando vi aqueles “comentaristas” nas TVs citando o paradoxo americano de querer ocupar os Balcans e não podendo por temer perder vidas humanas, uma resposta me pareceu óbvia: robots de combate. Os EUA, por seus interesses espalhados por todo o planeta, cedo ou tarde irão se utilizar de robots de telepresença, IAs, quando existirem e drones aos montes... Imagino quantos generais leem FC e não ficam torturando seus departamentos de P&D querendo algo parecido...

O Tio Barreiros deve saber do que estou falando, pois é um cenário Cyberpunk de um autor citado pelo sabio...

Ernesto.

Parece-me ter ouvido dizer que os americanos estão mesmo a usar robôs... Enfim, quase... Trata-se de planadores tipo brinquedo com câmaras acopladas que podem ser controlados à distância. Absolutamente silenciosos, tipo brinquedo, são ótimos para largar contra o sol. Aliás a maior parte dos mísseis americanos pode ser controlada por telepresença. Basta um joystick e óculos virtuais ligados à câmara de Tv na ogiva do míssil. Já vi também modelos operacionais de mini aviões a hélice, movidos por uma bateria elétrica, capazes de entrar por uma janela de qualquer fábrica, esvoaçar no seu interior enquanto filmam tudo. Mesmo que sejam destruídos o filme já foi transmitido. O problema deles é a autonomia — pouco mais de dez minutos de voo. Num documentário sobre espionagem mostraram mesmo cyber baratas fotofóbicas, capazes de andarem a correr pelo chão, junto às paredes, e por baixo dos móveis, invisíveis (ou quase) até entrarem na sala de comando ou no gabinete do chefe da empresa rival e aí gravarem tudo e transmitirem a informação à barata mãe escondida lá fora, no jardim. Não percam um livro de um novo autor francês, Maurice Dantec, (BABYLON BABIES) um novíssimo cyberpunk. aí ele fala da guerra na fronteira sino-soviética num futuro próximo, onde uma série de libelinas cibernéticas, adoram perseguir fontes de calor que exudem “suor”. Uma vez encontradas, disparam dezenas

de micromísseis sobre os alvos. Incansáveis, sujeitas a padrões de pesquisa aleatórios, com baterias recarregáveis pelo sol, só voltam à base quando as munições estão no fim...E já agora, ouviram falar de uns plana discos granada? zzumzzum a flutuarem em conjunto, estilo frisbee até que alguém passa pelo sistema de detecção laser. então, BANG, claro está...
Barreiros

Me recordo também de um conto do “Máquinas que pensam” (não lembro autor e nome acho que era “eu fiz vc” ou coisa assim), onde havia um tipo de tanque-robot patrulhando uma área restrita qualquer, só que avariada. Assim, elimina os soldados do próprio exercito que a construiu, pensando ser o inimigo.

Então, não seria um conto do grande grande grande Walter Miller? E não percam um outro romance do não menos grande Stanislaw Lem, chamado PEACE ON EARTH sobre a evolução neo-darwiniana de máquinas de guerra robóticas na Lua, a combaterem (e a evoluírem) umas contra as outras, substituindo assim toda e qualquer guerra na Terra. E não percam um romance do Keith Laumer, A PLAGUE OF DEMONS sobre cibertanques com cérebros humanos integrados com a IA cibernética. E isto muito, muito antes de qualquer manga japonesa. A não perder, pois é o melhor livro do Laumer.
Barreiros

Subject: Leituras para ninhos e “gente grande”

O livro que leste... era uma obra infanto-juvenil para as criancinhas muito, muito pequeninas... Não era de todo uma obra para adultos... Como isso tinha a tecnica minimalista para atraír meninos de dez anos, e como isso assim deve ser considerado.
Barreiros

Impressionante titio: o fato de que um livro tenha sido escrito para crianças (suponho que isso seja uma informação de primeira mão e não suposição sua) não significa: 1º) que tenha o direito de ser confuso; 2º) que esteja cheio de lugares comuns; 3º) que utilize o mesmo tipo de “final para vilões” que “Sexta-feira 13”, ou seja, que se mata o vilão e o vilão segue aparecendo, segue perseguindo (eta idéia fixa); 4º) que tenha um final tão... burro (desculpe, não encontro outra palavra); 5º) que se permita fazer uma salada com conceitos temporais; 6º) que seja um livro de ler-e-esquecer. Aos dez anos, querido titio, é quando devemos ler os livros inesquecíveis. Porque se aos dez anos nos deparamos com um livro de ler-e-esquecer, adeus futuro-leitor. E se nos dedicamos a escrever livros de ler-e-esquecer, o melhor é não publicá-los (nem chamar-se escritor). Para economizar papel, sabe? Temos um pequeno problema de desmatamento neste planeta.

De qualquer maneira, o fato de ser um livro infanto-juvenil não o torna menor nem menos importante. Não o torna um livro de ler-e-esquecer estar destinado a um público a partir dos 10 anos de idade. Apesar do que se pensa nesta lista, a

literatura infantil deu ao mundo obras-primas, profundas, inquisitivas, harmoniosas e belas. Um livro, por ser infantil, não tem o direito de ser menos literatura —de modo que se deve exigir dos livros infantis o mesmo que dos livros adultos, e assim devemos tratá-los na hora de elogiá-los, se cabe. Da mesma forma, como não admitimos que um livro de FC ou fantasia (mas sobretudo FC) seja menos literatura que um romance do século XIX —melhor dizendo: da mesma forma que não admitimos que um livro de FC é menos literatura. Ai dos que se atrevem a dizer que FC não vende, ou vende menos, ou interessa menos tanto público quanto crítica porque o que lhe falta é literatura! Gente... se o que interessa é a idéia!!!! Venga, no me toque las narices! E sobretudo, apesar do que se pensa nesta lista, o fato de um livro ser classificado com infanto-juvenil ou infantil não impede que seja lido e disfrutado (em todos os sentidos) por adultos.
Simone

Ok pequenada: Querem mais um livro (aliás dois) para los ninhos (não me apetece por o til sobre o ene) que estou certo que encantarà a Tia Simone) — Eis uma forma de a dulcificar depois de a ter arreliado tanto com os meus dois últimos Emails...

Bom, os livros são de um tal Philip Pullman e chamam-se THE GOLDEN COMPASS e THE SUBTLE KNIFE. São quase, que coisa estranha, os dois primeiros volumes de uma trilogia steampunk para jovens. Eis aqui um universo alternativo semi victoriano, onde as pessoas ao nascer adquirem uma espécie de “daimone” familiar, um “grilo” com várias formas possíveis e que se adapta à nossa personalidade. Uma civilização no Polo Norte de “ursos” inteligentes, guerreiros e ritualistas. Uma porta dimensional que necessita dos daimones das crianças raptadas para funcionar. Experiências científicas que visão à separação antes da puberdade dos daimones das respectivas criancinhas. Um outro universo — mais parecido com o nosso — ma onde os Anjos existem e se pode ouvir o bater das suas asas pelos céus fora...Espectros que devoram a vontade dos adultos... Não estou a brincar...até a civilização dos ursos é credível...
Agora eis a lista dos prémios:

- THE CARNEGIE MEDAL
- THE GARDIAN FICTION PRIZE
- ALA CHILDREN’S BOOK
- ALA TOP TEN BEST BOOK FOR YOUNG ADULTS
- HORN BOOK FANFARRE HONOUR BOOK
- A BULLETIN OF THE CENTER FOR CHILDREN’S BOOKS BLUE RIBBON BOOK
- A PUBLISHER’S WEEKLY BEST BOOK OF THE YEAR
- BOOKLIST EDITOR’S CHOICE

É verdade, o vosso velho tio também vê o Cartoon Network — adoro o Cow and Chicken e o Chester’s Laboratory. Quando era pequenino, li quase todos os livros do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”. Mas Sempre odiei os Cinco e os Sete. buerk! Mas gostava da NARNIA do C.S. Lewis apesar do proselitismo cristão. Terá sido este livro publicado em Espanhol, Tia Simone ? — Pergunto isto porque sei que

odeias o Inglês, mas o livro é tão espectacular que estou quase certo que os Espanhois o traduziram. — Pelo menos os Franceses traduziram. E assim me despeço, esperando que a Tia Simone perdoe este velho tio que até gostou do livro (não estou a falar do filme) THE RELIC.

João Barreiros

Minha definição preferida de FC é: “Literatura que no começo é um Discovery Channel, mas do meio-pro-fim vira Cartoon Network”

Braulio

Tens toda a razão. Aliás ando neste momento a ler um livro precisamente nessa veia. É o último do Vernor Vinge, A DEEPNESS UPON THE SKY de que já deves ter ouvido falar. Genial, uma perfeita maravilha, com umas das melhores civilizações Ets dos últimos tempos. Uma criatura com dez patas, que muda de olhos como quem muda de dentes, que passa uma infância “selvagem” se não for educada, e que congela/hiberna todos os 250 anos quando estrela do planeta passa à fase de anã vermelha. Aí a atmosfera “neva”. Os oceanos ficam sólidos sobre uma camada de CO2. E um aranha Galileu inventa um fato espacial para sobreviver ao vácuo e ao frio absoluto e à noite profunda movido a...bactérias endotérmicas...Uma civilização alienígena steampunk. Duas civilizações humanas (estilo capitalismo “selvagem”) a combaterem em órbita à espera de “clientela” e que a estrela volte a acender-se...Ainda vou na página 100, o livro tem 600 e as surpresas não param. Genial. Genial como um cartoon do cow and chicken onde as criaturas tem profundidade psicológica...UAU!

Abram os cordões às bolsas e corram a comprar Vernor Vinge. É este, sem sombras de dúvida um dos melhores (senão o melhor) livro do ano.

o vosso velho tio Barreiros

Subject: O Pior

Aqui vai a *minha* lista *Framboesa de Ouro* da FC:

- 1 - Amorquia, Andre Carneiro (Brasil)
 - 2 - A Rosa, Charles Harness
 - 3 - A Cidade Submarina, Kenneth Bulmer
 - 4 - A Arma Impossível, Philip K. Dick
 - 5 - Estrelas Inimigas, Poul Anderson
 - 6 - Projeto Evolução, Henrique Flory (Brasil)
 - 7 - 250 Séculos Após, James Blish
 - 8 - As Canções da Terra Distante, Arthur C. Clarke
 - 9 - A Rebelião dos Clones, Evelyn Lief
 - 10 - 2023: Missão Europa, Paolo Fabrizio Pugno (Brasil)
 - 11 - O Homem no Espaço, John Clarke
- Marcello.

Dos que me vem à cabeça agora, eu acho que os dois piores que já li são:

- 1 - O Enigma de Andrômeda, Michael Crichton. Me arrependo do dia em que resolvi comprar este livro. Me falaram que era interessante e lá fui eu. O livro é muito ruinzinho e o Crichton é um típico escritor de Best Sellers.

Eu ia lendo o livro e tinha a impressão de estar vendo uma sessão da tarde.

2 - O Homem que via o futuro, James Blish. Quase que eu paro de ler livros do Blish (que eu gosto) depois desse aí. Eu encontrei em um sebo e comprei no escuro, quase que não termino o livro.

Edgard Powell.

O PIOR dos LIVROS

(vou juntar FC, Terror e Fantasia, right?):

- 1 - A Noite dos Tempos, do Renée Barjavel
- 2 - O Vampiro Lestat, de Anne Rice (Aquele final com direito a perseguição com automóveis, múmia no banco do carona e show de roquenrou é um horror);
- 3 - Desse eu não lembro o nome, mas é uma bomba de um autor russo que relata um close encontrar com seres extraterrestres de forma geométrica. Uma das coisas mais insuportáveis que já li na minha vida!

O PIOR dos FILMES

- 1 - O Humanóide;
 - 2 - Highlander II;
 - 3 - Battle beyond the Stars
- Octavio Aragão

Subject: Hannibal esta de volta.

Para os fas do psicopata mais simpático da literatura, esta saindo nos EUA o livro Hannibal, sequência de O Dragão Vermelho e O Silêncio dos Inocentes.

Ramon Bacelar

Por coincidência, já' ia mandar um mail sobre o Silêncio dos Inocentes, mas um detalhe bem específico: descobri hoje uma coisa super-interessante sobre o desenho da caveira da mariposa colocada pelo psicopata nas gargantas das vítimas. No cartaz do filme e na capa do livro o desenho na verdade e' formado por varios outros desenhos, cada um visível numa escala diferente, como 'camadas' de mensagens subliminares. A caveira branca na mariposa do cartaz na verdade e' formada por 3 mulheres nuas brancas, num efeito subliminar tipo Arcimboldo (aquele pintor q fazia rostos formados de frutas e legumes). Uma ampliação maior revela q essas 3 mulheres estão ainda 'emolduradas' por 4 mulheres nuas cor de laranja, numa msg visual subliminar num grau mais profundo.

Descobri isso (surpresa!) na revista Diário de Bordo No. 23 da Frota Estelar Brasil (de 1996, acho), onde tem um artigo do Professor Flavio Calazans, titular da Faculdade de Comunicação Metodista de São Bernardo e do Inst. Artes da UNESP, falando sobre o cartaz e sobre msgs subliminares. Ele batizou esse tipo de imagens dentro de imagens dentro de imagens, etc. de 'Iconesos', classificando cada 'escala' subliminar em 1o grau, 2o grau, etc. Aparecem no artigo todas as ampliações do desenho da caveira da mariposa, dando pra ver todas as mulheres ocultas (os dentes da caveira, por exemplo, são as mulheres ajoelhadas de costas). Fantástico! Nunca soube disso. E' notícia velha? So' vi essa revista agora. Mas na época do filme não lembro de ter ouvido

nenhum comentario sobre isso.
Eduardo Torres

Subject: Alfred Bester

É mesmo VIRTUAL UNREALITIES que se chama o livro, mas quem já tiver as duas compilações de contos ainda publicadas em vida do Bester, esta não faz mais do que retirar alguns contos de uma e de outra, sem acrescentar aqueles que nunca foram antologizados...

Boas do tio Barreiros

Titio Bester e tao bom contista quanto romancista?
Ramon Bacelar

É a opinião deste teu tio que o bester é melhor contista do que romancista. Tem uma boa vintena de contos absolutamente inesquecíveis. Quanto a romances que marcaram o género, só terá dois: TIGER, TIGER (THE STARS ARE MY DESTINATION) e THE DEMOLISHED MAN. Os outros, embora interessantes, não serão tão bons porque repetem um pouco aquilo que ele fez tão bem nestes dois, a saber:

GOLEM 100 (inclui páginas de banda desenhada)

EXTRO (talvez o melhor destes três)

THE DECEIVERS (o único que foi publicado em português)

Bester tem mais dois romances publicados em small presses, mas são mainstream. Aliás escrevia a conta gotas, viveu os últimos anos sózinho numa pensão para a 3ª idade, enfim, teve um fim de vida quase tão triste quanto o genial Avram Davidson. Os génios são sempre criaturas solitárias.

Boas do tio

Subject: Avram Davidson

Já que o Tio Barreiros citou Davidson: estou lendo “The Adventures of Dr Eszterhazy”. E, sim: o cara é um gênio!!! Ele consegue a proeza de dialogar constantemente com o leitor, sem se tornar irritante; de ironizar o próprio enredo, sem destruir a imersão do leitor da história; de usar os pontos de partida mais malucos (uma revolta de biscoitos de gengibre, por exemplo...) e, a partir deles, construir histórias soberbas.

Para quem lê inglês e não sabe qual livro importar, dada a instabilidade cambial de nossos dias, eu recomendo o “Eszterhazy”. Ele vale pelo ano todo! (uma aviso: não é, a princípio, um texto fácil. Mas é uma delícia de dificuldade!!) Carlos Orsi Martinho

Do Avram Davidson recomendo também uma antologia recente, AVRAM DAVIDSON TREASURY, editado pelo Silverberg. Podem encontrar antiguiños dele, a preços razoáveis no sebo electrónico <http://www.bibliofind.com>

Se lá forem, comprem comprem comprem um livrinho dele simplesmente genial ROUGE DRAGON e garanto que não se vão arrepender. Ou um outro, MASTERS OF THE MAZE com uns ets formigões/vespeiro absolutamente deliciosos.

Boas do velho tio.

Subject: La Sonambula - imperdivel

Hoje fui com a minha mulher ao CCBB, ver o que andava rolando por lá. Descobri que está tendo uma mostra de cinema latinoamericano, a CINESUL 99. E um dos filmes da mostra foi uma tremenda surpresa: “LA SONÁMBULA”.

Vocês não vão acreditar. É um filme Argentino de FC - e FC “adulta”, o que é uma raridade. Entre uma e outra sessão do Episódio I, vale a pena conferir. Produção caprichadíssima, fotografia excelente, efeitos especiais muito bons e um cientista louco que é a cara do Dr. Strangelove, do Peter Sellers, entre várias outras referências cinematográficas. O roteiro é bem interessante. Prato cheio pra quem gosta de histórias onde a realidade pode ser muito menos real do que parece. Eis a trama: Buenos Aires, 2010. A Argentina vive sob um governo repressor. Uma explosão numa indústria de armas químicas nas cercanias da cidade libera substâncias tóxicas que fazem com que 300.000 pessoas percam completamente a memória. O governo cria um centro de reabilitação para ajudar as vítimas a recuperar pelo menos parte de seu passado, reencontrar familiares e reconstruir a vida. Um ano e meio depois da tragédia, uma bela mulher é levada ao centro de reabilitação. Seu nome é Eva. Ela tem sintomas e reações diferentes das dos outros afetados. Jamais dorme, mas freqüentemente tem visões. Visões muito perturbadoras. Existe a suspeita de que Eva seja a mulher de Gauna, o lendário e foragido líder rebelde. A polícia política resolve usar Eva como “isca” para capturar Gauna. O agente destacado para acompanhá-la é o atormentado Ariel... O resto, só vendo o filme.

... alguns detalhes da ficha técnica:

LA SONÁMBULA (Argentina, 1998); roteiro original de Ricardo Piglia e Fernando Spiner; direção de Fernando Spiner. Duração: 107 minutos.

Ah, sim. O filme é falado em espanhol, sem legendas. Mas os principais atores do elenco falam devagarinho e acho que até ouvidos pouco acostumados ao idioma de Cervantes conseguem entender os diálogos.

Max Mallman

Subject: Lulu on the Bridge

Lulu on the Bridge passou quase em branco no cinema. Não sei no resto do Brasil, mas em São Paulo ele ficou pouco mais de uma semana em cartaz em um único cinema lá onde Judas rasgou as cuecas. Uma pena e uma tremenda injustiça. Saiu em vídeo há mais ou menos um mês, mas eu só consegui assistir ontem. Gente, é muuuuito bom!!!

O filme, que em português recebeu o título óbvio de O Mistério de Lulu (que, pra variar, não tem nada a ver com nada), é o primeiro escrito e dirigido pelo Paul Auster, um dos mais importantes autores americanos da atualidade. Ele já tinha escrito dois roteiros pro cinema, Cortina de Fumaça e Blue in the Face, o primeiro dirigido pelo Wayne Wang e o segundo co-dirigido pelos dois. Lulu on the Bridge é um vôo solo de Auster e a direção dá umas escorregadas, principalmente nos cortes, mas nada que comprometa o roteiro - que é maravilhoso.

É a história de um músico de jazz, egoísta e sacana, que um dia leva um tiro. Sobrevive, mas tem que abandonar a música.

Mergulha num inferno de autopiedade, até o dia em que encontra uma pedra mágica - e a Mira Sorvino vem de brinde. Mas não é bem isso, existe uma outra história por trás dessa, que não dá pra contar sem estragar a surpresa. Basta dizer que o filme tem um elemento fortemente dickiano. Vale a pena ver.

Lúcio

Finalmente encontro outra alma q viu esse filme genial!

Ja' estava pensando q eu e minha mulher tivemos sofrido um implante de memoria! Nada e' o q parece no filme. Historias por tras de historias por tras de historias. Encontros sucedidos por desencontros e novos encontros. Ninguem e' o q parece. Vc nao sabe se as coisas realmente aconteceram ou nao. Se a pedra magica existe ou nao. Se e' magica ou ha' uma explicacao cientifica por tras q podera' ou nao aparecer (a computacao grafica da 'magia' e' muito sutil e sedutora). Mas a coisa e' tao bem feita q vc se envolve todo na historia. Se alegre e se entristece com os personagens. Eu me envolvi inteiramente. E o final te remete ao comeco, mas nao fecha um ciclo, ao contrario, abre sendas e levanta mais perguntas q respostas. Como 2001, vc pode interpretar de muitas formas diferentes o final. E em funcao de sua 'escolha', reinterpretar as cenas anteriores.

Um filme rico, em q vc sai do cinema chapado. Calado. Pensando... Reverberando as cenas na memoria. Tentando remontar aquele mosaico fascinante.

Um detalhe pessoal: Eu passei uma semana em Dublin ha' 3 anos. Reconheci os locais das filmagens. E atravessei a ponte citada no titulo e onde ocorre uma cena importante do filme. Alias, por que nao mantiveram o titulo original? Tinha tudo a ver. Eu senti q algo importante ia acontecer naquela ponte porque sabia o titulo original. O titulo em portugues faz perder essa antecipacao emocional. Frustrou um pouco a ideia do diretor. Que sacanagem! Mira Sorvino, Harvey Keitel e Willem Dafoe estavam soberbos. Mira me surpreendeu. O diretor tirou dela mais q Woody Allen.

Eduardo Torres

Subject: Jablokov

Os golfinhos e orcas do romance do Jablokov, a DEEPER SEA, estão furiosos com a humanidade. Desde o tempo dos gregos que resolveram, por raiva e despeito, deixar de comunicar. Só voltam a falar, se bem me lembro, durante a guerra contra o Japão onde foram transformados em máquinas de ataque. Num recente programa do DISCOVERY mostraram como é difícil treiná-los, porque eles "mentem" descaradamente com quantos dentes têm na boca. São capazes de afirmar que não "viram" nenhum mergulhador quando toda a gente sabe - e eles também - que viram mesmo.

Romances de FC sobre golfinhos? Experimentem UN ANIMAL DOUÉ DE RAISON do Robert Merle. Ou THE LAST WHALES do Lloyd Abbey ou INTO THE DEEP do Ken Grimwood onde toda a gente fala um português abominável - Resumindo - Não existem dicionários nos States.

Subject: Kurt Vonnegut Jr

Alguem teria a relacao das obras de Vonnegut Jr lancadas no Brasil?

Acho que são essas:

- + Player Piano (1952) Revolução no futuro * (Argonauta/Artenova /C. do Livro)
- + The Sirens of Titan (1959) Sereias de Titas * (GRD)
- + Mother Night (1961) Espião americano (Artenova)
- + Cat's Cradle (1963) Cama de gato* (??/ Record)
- + God Bless You, Mr. Rosewater (1965) Felicidade Rosewater (Artenova)
- + Slaughterhouse Five (1969) Matadouro cinco ou a cruzada das crianças* (Artenova)
- + Breakfast of Champions (1973) Almoço dos campeões* (Artenova)
- + Slapstick (1976) Pastelão* (Artenova /C. do Livro)
- + Jailbird (1979) Um passaro na gaiola (??/C. do Livro)
- + Deadeye Dick (1982) Bode vermelho Difel
- + Galapagos: a Novel (1985) Galapagos* (Bertran Brasil)
- + Bluebeard (1987) Barba azul (Best Sellers)
- + Hocus Pocus (1990) idem* (Rocco)
- + Timequake (1997) idem* (Rocco)
- + Mundo Louco - contos (Artenova)
- + Destinos Piores que a Morte - tradução do Fabio Fernandes (Rocco)
- + Feliz aniversário Vanda June (era colocado como lançado nos livros da Artenova e eu particularmente desconheço se chegou a ser publicado).

* Fortes elementos de FC apesar de não ser a preocupação inicial do autor.

Christiano Nunes

Subject: Cube

Gostaria de comentar (e recomendar) um filme que me desconcertou horas atrás... "Cubo" ("Cube"). Direção: Vincenzo Natali. 1997. Canadá. Em meio à saturadas fórmulas que temem toda e qualquer forma de experimentalismo, temos a oportunidade de provar o gosto do inexplicável e do fantástico nesta produção de concepção bastante incomum. Imaginem como se sente um rato que é sedado e posto num labirinto tecnológico com armadilhas letais, acompanhado de outros desconhecidos de sua espécie... É exatamente isso que vivem os personagens deste filme-devaneio. Começamos do zero, as primeiras cenas do filme não esclarecem a procedência dos personagens e nem o motivo de estarem em tão excêntrica construção (eles tampouco sabem). Salas cúbicas interligam-se através de escotilhas em seus seis lados, criando um labirinto surreal e copioso, que se revela uma verdadeira armadilha matemática... Remetendo ao "Entre as Paredes de Erix", de H.P. Lovecraft, a paranóia e terror ante ao inacreditável são trabalhados com maestria, enquanto os perturbados personagens tentam compreender os mecanismos e sinais que podem lhe indicar uma possível saída... Despretencioso, o filme é um grande alívio para a mesmice atual, por claustrofóbico que seja...

Cid Vale Ferreira

SOMNIUM



CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais, todos os últimos sábados de cada mês, das 15 as 18 horas,
no Clube dos Engenheiros, Rua José Paulino nº 7, São Paulo/SP
(próximo à estação Luz do Metrô).

Toda a correspondência deve ser encaminhada para
Cx. Postal 2105, S. Paulo/SP - 01060-970 - Brasil - e-mail clfc@uol.com.br
Visite nossa nova página na Internet: <http://members.tripod.com/~CLFC>